



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA – UEPB  
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO E PESQUISA  
NÚCLEO DE ESTUDOS AFRO-BRASILEIROS E INDÍGENAS - NEABÍ  
CENTRO DE INTEGRAÇÃO DE AULAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
ESPECIALIZAÇÃO EM HISTÓRIA E CULTURA AFRO-BRASILEIRA**

**A ESCRITA NEGRA PRESENTE NA OBRA “CADERNOS NEGROS TRÊS  
DÉCADAS”: ENSAIOS, POEMAS E CONTOS**

**ALINE CAVALCANTE E SILVA**

**CAMPINA GRANDE, MARÇO DE 2014**

**A ESCRITA NEGRA PRESENTE NA OBRA “CADERNOS NEGROS TRÊS DÉCADAS”: ENSAIOS, POEMAS E CONTOS**

**ALINE CAVALCANTE E SILVA**

**Orientador: Prof. Mestre José Pereira de Sousa Junior (UEPB / UFPE)**

Monografia apresentada ao Núcleo de estudos Afro-brasileiros e Indígenas – NEABÍ / UEPB, em cumprimento às exigências para obtenção do título de Especialista em História e Cultura Afro-Brasileiras.

**CAMPINA GRANDE-PB  
2014**

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

S586e Silva, Aline Cavalcante e  
A escrita negra presente na obra "Cadernos negros três décadas" [manuscrito] : ensaios, poemas e contos / Aline Cavalcante e Silva. - 2014.  
55 p. : il. color.

Digitado.

Monografia (Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Prof. Me. José Pereira de Sousa Júnior, Departamento de História".

1. Cultura Afro-Brasileira 2. História do Negro 3.  
Representações Históricas I. Título.

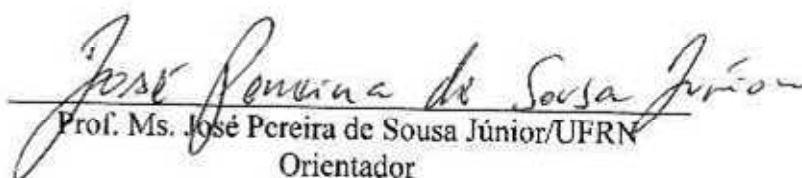
21. ed. CDD 305.8

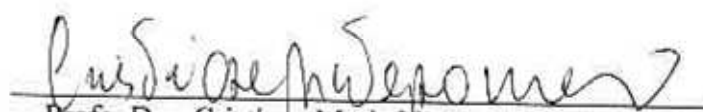
ALINE CAVALTE E SILVA

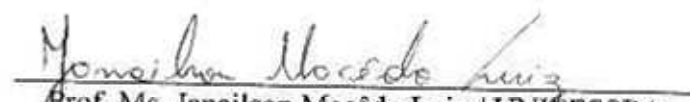
**A ESCRITA PRESENTE NA OBRA “CADERNOS NEGROS TRÊS DÉCADAS”: ENSAIO, POEMAS E CONTOS**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em História e Cultura Afro-Brasileira da Universidade Estadual da Paraíba, em convênio com Escola de Serviço Público do Estado da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de Especialista.

Aprovada em 23/05/2014.

  
Prof. Ms. José Pereira de Sousa Júnior/UFRN  
Orientador

  
Profa. Dra. Cristiane Maria Nepomuceno / UEPB  
Examinadora

  
Prof. Ms. Janailson Macêdo Luiz / UNIFESSPA  
Examinador



## RESUMO

O presente trabalho é fruto de minha participação no projeto de pesquisa denominado *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*, que se insere em uma pesquisa sobre a história do protagonismo dos intelectuais afro-brasileiros, desenvolvido entre os anos de 2009/2010 na Universidade Federal da Paraíba. Neste sentido, a proposta do trabalho busca sistematizar as representações africanistas construídas pelos intelectuais afro-brasileiros especialmente nos escritos literários da obra *Cadernos Negros Três Décadas: ensaios, poemas e conto*; assim como identificar os sentidos de historicidade e as representações históricas acerca da África independente nos poemas e contos. Com isso, esperamos aprofundar os estudos críticos da identidade negra e do protagonismo afro-brasileiro e contribuir para a história da literatura negra e dos protagonistas da negritude brasileira contemporânea.

**Palavras-chave:** História do Negro. Representações Históricas. Negritude.

## **ABSTRACT**

The present work is the result of my participation in the research project Visions of Africa and Emancipatory Practices of Afro-Brazilian Intellectuals (1944- 1988), which is inserted in a research on the history of the protagonism of the intellectuals Afro-Brazilians, developed between the years of 2009/2010 at the Federal University of Paraíba. In this sense, the proposal of the work seeks to systematize representations Africans built by Afro-Brazilian intellectuals especially in writingsOf the book Cadernos Negros Três Decades: essays, poems and short stories;How to identify the meanings of historicity and the historical representations Independent Africa in poems and short stories. With this, we hope to deepen our studies Critics of black identity and Afro-Brazilian protagonism and contribute to the History of black literature and the protagonists of contemporary Brazilian negritude.

Keywords: History of the Negro. Historical Representations. Blackness.

## SUMÁRIO

I- INTRODUÇÃO .....	6
II- CAPÍTULO 2 – A QUESTÃO RACIAL EM PERSPECTIVA.....	8
2.1 – Democracia racial: mito ou realidade no Brasil?.....	8
2.2 – Negro ou mestiço: tecendo um paralelo entre as identidades étnicas.....	12
2.3 – A Negritude brasileira entra em ação .....	14
2.4 – Cadernos Negros: tecendo algumas considerações .....	19
III- CAPÍTULO 3 – ANÁLISE DOS ENSAIOS .....	30
3.1 – 30 Anos de Leitura .....	30
3.2 – Cadernos Negros: 30 anos de leitura em compasso de resistência.....	32
3.3 – Cadernos negros: repensando o leitor e a leitura através do texto afro-brasileiro.....	33
3.4 – As noções textuais da negrura na série Cadernos Negros .....	34
3.5 – A “Carta da escrava Esperança Garcia do Piauí”, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos Cadernos Negros.....	36
IV- CAPÍTULO 4 – ANÁLISE DOS POEMAS E CONTOS .....	40
4.1 – Tecendo algumas discussões acerca da análise da produção poética .....	40
4.2 – Poemas africanistas e de cunho político-social .....	43
4.3 – Contos africanistas e de cunho político-social .....	46
V- CONSIDERAÇÕES FINAIS .....	51
VI- FONTES E REFERÊNCIAS .....	53
VII- ANEXOS .....	54

## I – INTRODUÇÃO

O presente trabalho de Conclusão de Curso da Especialização em História e Cultura Afro-brasileira surgiu a partir de minha participação em um projeto de iniciação científica (PIBIC) financiado pelo CNPq, desenvolvido e coordenado pelo professor Dr. Elio Chaves Flores entre os anos de 2007 e 2010 na Universidade Federal da Paraíba, intitulado *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos Intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*, onde na ocasião participei na condição de bolsista. Na terceira etapa da pesquisa (2009-2010) trabalhei com a seguinte proposta de pesquisa *A Escrita Negra: vozes da África e o Movimento Negro Unificado (1978-1988)*, onde pesquisei os escritos literários dos afro-brasileiros presentes na coleção *Cadernos Negros*<sup>1</sup>.

Dentro desse contexto, no presente trabalho, buscarei inicialmente traçar uma discussão bibliográfica e teórica sobre a questão racial a partir dos seguintes autores e obras: *Brasil: um país de negros?* organizado por Jeferson Bacelar e Carlos Caroso; assim como a obra *Classes, Raças e Democracia*, de Antônio Sérgio Guimarães; e também a obra *Histórias do Movimento Negro no Brasil*, organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira. Posteriormente, trarei a tona algumas discussões presentes nas obras: *O Ser Negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros*, de Maria da Consolação André; finalizando essa etapa com a obra *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*, de Florentina da Silva Souza.

Para análise dos poemas e contos, utilizarei como opção teórico-metodológica o conceito de “poesia insubmissa”, do autor Roberto Pontes, onde o autor reverbera o fato de os poetas utilizarem de suas palavras enquanto instrumento ou arma, havendo uma forte ligação dessas poesias com a política na medida em que estão vinculados a um determinado contexto histórico, com suas formações sociais, políticas e ideológicas. Ainda nessa perspectiva, elencarei também o conceito de “poesia-resistência”, cunhado pelo escritor Alfredo Bosi, outro autor que fala da poesia como arma na luta contra a realidade social em que vive. Portanto, nessas formas de escrever e interpretar a história, os narradores afro-brasileiros não só parecem ter consciência de fazer história como de pertencer à história.

No segundo capítulo, a ideia é tecer algumas considerações acerca dos ensaios presentes no início da obra, são eles: *30 Anos de leitura*, de Florentina Souza; *Cadernos*

---

<sup>1</sup> Coletânea de poemas e contos publicados alternadamente a cada ano, de vários escritores afro-brasileiros, desde a década de 1970 até os dias atuais.

*Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência*, de Maria Nazareth Soares Fonseca; *Cadernos negros: repensando o leitor e a leitura através do texto afro-brasileiro*, de Maria Cândida Ferreira de Almeida; *As noções textuais da negrura na série cadernos negros*, de Fausto Antônio; por fim, *A “carta da escrava Esperança Garcia do Piauí”, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos cadernos negros*, de Elio Ferreira.

No terceiro capítulo, farei a análise dos poemas e contos dividindo-os entre de cunho africanista e político-social a partir das seguintes intervenções: *Negritude*, *Torpedo*, *Racista*, *Cabelos que Negros* e *Em Maio*, dentre os poemas; e *Di Lixão*, *Lembranças das Lições*, *Mulheres dos Espelhos*, *Cidade Violenta* e *Civilização*, dentre os contos. Sendo assim, esse trabalho historiográfico tem por objetivo mostrar as práticas de afirmação do negro na sociedade brasileira desenvolvidas pelos escritores e poetas negros a partir das representações africanistas construídas através de suas poesias e contos, presentes na obra *Cadernos Negros – Três décadas*.

As contribuições dessa pesquisa assentam-se nas reivindicações dos militantes e escritores negros que sempre buscaram uma interpretação da história mais identificada com as aspirações do povo negro, podendo, portanto, se inserir no campo da história cultural, com a pretensão de se repensar a matriz curricular eurocêntrica e contribuir para a melhoria do ensino de história.

Trata-se de um esforço historiográfico para a superação de se pensar a África e a cultura afro-brasileira a partir de um antropologismo tardio. No ensino de História e nos artefatos pedagógicos e didáticos da sala de aula, esse antropologismo tardio está presente na persistência de um processo vulgarizador da mitológica democracia racial em que o mundo afro-brasileiro não escaparia do samba, futebol e malandragem<sup>2</sup>.

---

<sup>2</sup> Retirado do projeto PIBIC *Visões da África e Práticas Emancipatórias dos intelectuais Afro-Brasileiros (1944-1988)*.

## II – CAPÍTULO 2

### A QUESTÃO RACIAL EM PERSPECTIVA

#### 2.1 – Democracia racial: mito ou realidade no Brasil?

A obra *Brasil: um país de negros?* organizada por Jeferson Bacelar e Carlos Caroso, reúne uma série de trabalhos apresentados no V Congresso Afro-brasileiro, realizado em Salvador, de 17 a 20 de agosto de 1997. Dentro dessa perspectiva, o objetivo desta publicação foi o de estender para um público mais amplo, um pouco da reflexão, das ideias e das polêmicas que permearam no decorrer do Congresso. Dessa forma, o referido livro reuniu diretamente a questão racial no Brasil.

Dentro desse contexto, gostaria de elencar o texto *O Brasil, paraíso ou inferno para o negro? Subsídios para uma nova negritude*, do nigeriano Femi Ojo-Ade, onde o autor analisa de forma negativa a ideia que se criou do “sonho norte-americano” para os negros, assim como do mito de paraíso racial criado no Brasil. Dessa forma, ele destaca o fato de a “alienação” entre os africanos e afro-brasileiros se constituir como um problema a ser resolvido. A partir daí, ele faz a seguinte indagação: há no Brasil um paraíso racial? Dentro dessa perspectiva, o autor destaca o fato de que até os anos 1940, os negros concordavam com a ideia de não haver preconceito racial no Brasil, fundamentados através da difusão de ideias do Brasil como sendo o país dos miscigenados.

No entanto, os fatos ocorridos com o passar do tempo, demonstraram outra realidade brasileira, na qual o preconceito racial estava mascarado pela ideia da miscigenação. Neste ponto, o autor destaca que posteriormente as “máscaras” começam a cair, surgindo estudiosos, a exemplo do E. Franklin Frazier, que por muito tempo acreditou na ideia de que no Brasil não tinha problema racial, mais tarde, o mesmo estudioso escreveu sobre a presença do racismo no sul e também que as relações raciais nos Estados Unidos e no Brasil tinham semelhanças. Nesse sentido, o autor destaca que a partir dos anos 1960 os negros americanos passam a duvidar do Brasil como sendo o país do “paraíso racial”, partindo de uma reexaminação da situação brasileira, não mais o reconhecem como o eldorado racial.

Já o livro *Classes, Raças e Democracia* reúne uma série de artigos escritos por Antônio Sérgio Guimarães entre os anos de 1999 e 2001, nesse contexto, trarei a tona algumas de suas ideias desenvolvidas no segundo capítulo, *Raça e Pobreza no Brasil*;

noterceiro capítulo, *Política de integração e política de identidade*; no quinto capítulo, *Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito*; e também no sexto capítulo, *O mito anverso: o insulto racial*.

No segundo capítulo, o autor rediscute o conceito de raça, onde o mesmo defende o uso do termo “raça” não apenas como uma categoria política necessária para organizar a resistência ao racismo no Brasil, mas também como categoria analítica indispensável. Pois, segundo ele, esta categoria é a única que revela que as discriminações e desigualdades que a noção brasileira de “cor” enseja são efetivamente raciais e não apenas de “classe” (GUIMARÃES, 2002, p. 99). Desse modo, o autor destaca a importância de serem justas tanto a defesa da identidade racial como o direito a auto-identificação quanto à rejeição das “raças” biológicas como construções sociais opressivas.

No segundo tópico do texto, o autor discute os limites do racismo negro, onde ele destaca que apesar de a população brasileira ser constituída por 40% dos negros (incluindo os pardos e pretos), segundo dados de uma pesquisa amostral realizada pelo Instituto de Pesquisa Datafolha, em 1995, apenas uma minoria representada por 7% da população brasileira se identifica como “negra” ou “preta”. Nessa perspectiva, ele destaca que são grandes os desafios para o movimento negro, no sentido de abandonar o racismo de atribuição “racial”, ou seja, aquele feito a partir de caracteres fisionômicos ou ascendência biológica, em troca de um racismo de identidades eleitas, podendo com o tempo, incorrer no erro de abandonar uma política de minoria. Já no terceiro tópico, o autor traz algumas reflexões acerca das causas da pobreza negra no Brasil.

Nesse contexto, ele relata o fato de no Brasil haver um consenso de que os pobres são pretos e os ricos são brancos. Dentro dessa perspectiva, levanta o questionamento sobre quais as causas da pobreza negra, onde além do passado escravista que, segundo ele, embora tenha um cerne de verdade, esconde alguns problemas graves, a exemplo da isenção das gerações presentes de responsabilidade pela desigualdade atual. A partir daí, o autor destaca a explicação que vem se desenvolvendo por parte das lideranças negras, para as quais as causas da pobreza negra estão relacionadas à falta de oportunidades, ao preconceito e a discriminação racial. Dessa forma, o autor elenca o fator “gênero”, onde a pobreza, a falta de oportunidades, a desigualdade de rendimentos e a discriminação atingem muito mais fortemente as

mulheres do que os homens, sendo estes fatores mais recorrentes entre as mulheres pobres que, geralmente são negras.

Sendo assim, o autor ressalta mais uma vez a importância do desenvolvimento das políticas públicas no sentido de reverter à situação de pobreza da população negra brasileira. Diante desses fatores, no tópico seguinte do texto denominado *As críticas às ações afirmativas*, o autor destaca o fato de que apesar das evidências estatísticas, as políticas de ação afirmativa atualmente propostas pelas lideranças negras virem sendo rejeitadas com base tanto em argumentos de classe quanto de raça. Nesse sentido, o autor rebate tais argumentos e relata a falta de interesse das elites brasileiras em aceitarem medidas eficazes de combate a pobreza.

No terceiro capítulo do livro, denominado *Política de integração e política de identidade*, o autor busca reinterpretar o intervalo democrático entre 1945 e 1964 como compromisso político a um só tempo racial e de classes, desenvolvendo a tese de que a democracia racial brasileira não foi apenas doutrina de convivência pacífica entre as raças, ou ideologia de dominação racial, ou mesmo mito fundador da nacionalidade brasileira, mas também e principalmente, um pacto econômico e político que uniu a massa negra urbana e os intelectuais negros do Estado desenvolvimentista.

Nesse sentido, inicialmente o autor discute brevemente os estudos sobre o comportamento eleitoral dos negros brasileiros, onde ele destaca que foi consenso de boa parte da literatura disponível sobre o tema, o fato de no passado, a simpatia política do povo negro sempre estar com a monarquia, devido ao fato do imperador ter sido mais propenso a abolição da escravidão, do que os fazendeiros. Apenas durante o Estado Novo de Getúlio Vargas, com sua política populista e de proteção ao trabalhador brasileiro é que ocorrerá uma simpatia das massas negras. Dentro dessa perspectiva, o autor destaca que, após a Constituição de 1988 que permitiu a incorporação de analfabetos ao sistema eleitoral brasileiro, ocorreu a adesão de milhões de negros a esse eleitorado que, diante do avanço do movimento negro no país pregando o voto a candidatos negros, a relação entre raça e política voltou a preocupar os cientistas políticos.

Dentro desse contexto, o autor discute o tópico *O conformismo negro*, onde ele destaca que baseado na literatura dos anos 1950 e 1960, havia dois tipos de “negro”: o que acreditava na “democracia racial”, ou seja, o “embranquecido” ou racialmente “alienado”; e o negro consciente de sua cor e da discriminação. No quinto capítulo, *Democracia Racial: o ideal, o pacto e o mito*, o autor examina a construção e



vulgarização da ideia de democracia racial, onde ele procura restituir à expressão “democracia racial” os seus significados históricos, datando os diversos contextos em que tal concepção vigorou, a partir dessa perspectiva, o autor relata a aparente dissolução atual desta concepção. Inicialmente, o autor relata que o termo “democracia racial” foi, a princípio, uma tradução livre de Roger Bastide acerca das ideias expressas por Freyre em suas conferências na Universidade da Bahia e de Indiana, em 1943 e 1944, respectivamente.

Segundo o autor, nessa “tradução” Bastide omite o caráter “ibérico” restrito que Freyre atribuía. Dessa forma, a democracia racial ganhou um conteúdo político distante do caráter puramente “social” que prevaleceu em Freyre, no qual o autor destaca que, com o tempo, a expressão ganha a conotação de ideal de igualdade de oportunidades de vida e de respeito aos direitos civis e políticos que teve nos anos 1950. Posteriormente, em meados dos anos 1960, o termo “democracia racial” voltou a ter significado desenvolvido por Gilberto Freyre, ou seja, a ideia de mestiçagem e mistura étnico-cultural. A partir daí, elenca o fato de que para a militância negra e para intelectuais como Florestan, a “democracia racial” tornou-se a senha do racismo à brasileira, um mito racial.

No sexto capítulo, *O mito anverso: o insulto racial*, o autor faz uma análise empírica do racismo à brasileira, a partir dos insultos raciais, ratificando, portanto, a ideia de mito da existência de uma verdadeira democracia racial. Para tanto, ele utiliza um banco de dados sobre queixas de discriminação racial registradas na Delegacia de Crimes Raciais de São Paulo, entre 1º de Maio de 1997 e 30 de abril de 1998. Neste sentido, inicialmente o autor discute no texto o que são os insultos raciais, onde a partir da definição desenvolvida por diferentes autores, ele restringe a utilização desses insultos em seu texto apenas no sentido de ofensas verbais.

Dentro desse contexto, o autor destaca a modificação no Código Penal Lei nº 9.459 a partir da pressão dos ativistas e legisladores negros, na qual devido aos crescentes casos de insultos raciais, a injúria racial passa a ser punida com o mesmo rigor dos crimes raciais. A partir daí, o autor traça um panorama dos termos injuriosos que ocorrem com maior frequência, nos quais ele os agrupa em sete tipos: sintéticos (negro preto); animalização (macaco, urubu); anomia (vagabunda vaca); condição social (senzala, favelado); sujeira (fedido, sujo); natureza (raça, maldita); defeitos (queimado, esclerosado). Em seguida, ele analisa as situações em que ocorrem esses insultos, quem são os insultados e os insultantes, e os insultos proferidos nas mais diversas situações,

ou seja, no trabalho, pelos vizinhos, aos consumidores, no trânsito e em outros âmbitos da sociedade.

Dessa forma, o autor chega às seguintes constatações: 1) No Brasil, os negros se queixam principalmente do insulto racial proferido no âmbito do trabalho, da vizinhança e do consumo de bens e serviços; 2) Essa atribuição de inferioridade é constituída pelos seguintes estigmas: pretensa essência escravista; desonestidade e delinquência; moradia precária; devassidão moral; irreligiosidade; falta de higiene; incivilidade; má-educação ou analfabetismo, nos quais estes estigmas são reiteradamente associados à cor negra ou preta.

## **2.2 - Negro ou mestiço: tecendo um paralelo entre as identidades étnicas**

Contra este dilema que se criou de que vivemos em uma democracia racial, inicialmente gostaria de elencar a ideia desenvolvida pelo Kabengele Munanga (2004) antropólogo congolês radicado no Brasil, que em sua obra *Rediscutindo a Mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*, onde o autor faz uma síntese antropológica e historiográfica da questão racial no Brasil. Nessa obra, o grande embate trava-se em torno do mito da democracia racial no Brasil, o período estudado vai do século XIX a primeira metade do século XX, revelando o direcionamento, as possibilidades e os efeitos, ainda não esgotados, da mestiçagem com os condicionamentos exercidos sobre ela, ficando claro que essa questão da democracia racial não passou de um esforço da elite brasileira querendo encobrir o verdadeiro racismo existente em nosso país.

Já na obra *O ser negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros*, que é fruto da tese de doutoramento de Maria da Consolação André, de mesmo título, defendida no programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade de Brasília (UNB), gostaria de elencar as discussões presentes na Introdução e no sexto capítulo, no qual a autora discute questões relacionadas à: o ser negro como homem invisível dentro da sociedade; a Inclusão social: subjetivação na sociedade de consumo; Processos de subjetivação e transmissão transgeracional; A herança da dor: do sofrimento que se quer falar; e por fim, As políticas de ações afirmativas podem resultar em efetiva inclusão/emancipação. Na introdução, a autora deixa claro que seu estudo pauta-se em:

“como os processos de subjetivação dos afro-descendentes tem sido construído por essa população a partir das contradições das relações sociais vivenciadas desde a constituição do sistema escravista e, após a abolição, nos embates das relações raciais na sociedade em geral” (ANDRÉ, 2008, p.18).

Para tanto, ela se utiliza de reflexões desenvolvidas por autores como: Marx; Marquese; Nina Rodrigues; Moura; e Fernandes, como auxílio na análise de perspectivas que consideraram o negro como propriedade e a relação dos processos de subjetivação com as categorias: trabalho, religião, relações raciais, casamento, família, educação, como campos semânticos importantes para a compreensão da constituição da subjetividade. Processos estes, também analisados com as formas de vida nos dias atuais da população de afro-brasileiros, sejam aqueles que residem nos quilombos, na periferia, ou os de nível socioeconômico mais elevados.

Já no sexto capítulo *Ser Negro no Brasil: democracia racial e racismo*, a autora traça uma análise acerca das discussões sobre o ser negro no Brasil e a ideologia da democracia racial, e os racismos. Nesse sentido, ela analisa a importância da transmissão intergeracional para os processos de subjetivação, as perspectivas psicológicas da herança da dor e reflexões acerca das políticas de ações afirmativas. Dentro desse contexto, inicialmente, a autora discute no texto quem é negro, no Brasil, onde ela destaca que podemos fazer essa identificação a partir da ótica sócio-política, pois, segundo a autora, os espaços de poder são racionalizados, ou seja, são ocupados. Pertencem a uma mesma raça/cor. Nessa perspectiva, ela destaca: “Há cargos, funções, empregos, profissões, conhecimentos, padrões de vida e status no Brasil, que historicamente têm sido próprios ou apropriados pela cor/raça branca” (ANDRÉ, 2008, p. 149).

Para tanto, ela exemplifica a partir do relato de que após 120 anos de abolição da escravidão, temos o registro da existência de apenas um ministro negro e 13 parlamentares negros, para um total de 594 congressistas. Além disso, nas universidades públicas, raramente se vê professores negros. Com isso, ela analisa a partir de autores como FERNANDES (1972) e FREYRE que, desde a época da escravidão o mundo dos brancos é considerado superior e ideal, onde o negro continua sendo “o outro” – o estrangeiro, o invisível aos olhos da ideologia. Nesse sentido, sob outro ângulo, podemos pensar a causa da invisibilidade do negro a partir do mito da democracia racial que, leva algumas pessoas a acreditarem: “no Brasil não há racismo” (ANDRÉ, 2008, p.151). No segundo tópico do capítulo, a autora discute a “Inclusão social: subjetivação

na sociedade de consumo”, onde ela destaca que há uma contradição nesse processo de inclusão social, que a partir do consumo tão propagado pela mídia, instaura no imaginário da sociedade em geral a criação de uma ilusão do pertencimento. Dessa forma, a autora ressalta o fato de que essa inclusão social continua inexistente, já que os afro-brasileiros, em sua maioria, não participam da produção deste trabalho, produto material, que são as ações que levam as pessoas ao exercício consumista.

Neste sentido, ela destaca que mesmo diante da informação de que na favela existem variados bens de consumo, a exemplo de antenas parabólicas e carros, semelhantes aos que os ricos possuem e que são divulgados pela ideologia de mercado, este fato não faz com que algumas destas pessoas, que sejam negras, sejam colocadas como, efetivamente pertencentes à sociedade. No tópico seguinte, a autora discute os “processos de subjetivação e transmissão transgeracional”, ou seja: “O que o negro herdou? A marca, o estigma? Quais foram as alteridades que compuseram as suas identidades, que perpassam os seus processos de subjetivação?” (ANDRÉ, 2008, p. 160). Dentro dessa perspectiva, ela analisa que sentimentos como o da vergonha, do ódio, da raiva, do medo e das perdas foram passados de geração em geração a partir dos grupos de negros escravizados nas senzalas, dando um projeto de vida para os descendentes.

Ainda sob a perspectiva de análise da transmissão de traumas herdados pela população de afro-brasileiros, a autora desta vez analisa a herança da dor. Nesse sentido, ela ressalta que as torturas e humilhações sofridas pelos negros escravizados podem ter gerado problemáticas psíquicas nessa população. Dentro desta perspectiva, ela traça uma análise a partir da reflexão de autores, a exemplo de Freud e destaca que a humilhação social, no caso dos negros, foi uma experiência sofrida desde os ancestrais alcançando os seus descendentes como resultado da injustiça política, o que mostra a exclusão desses sujeitos do circuito de cidadania.

### **2.3 - A Negritude brasileira entra em ação**

Antônio Sérgio Guimarães no terceiro capítulo de seu livro trás à tona discussões referentes aos *Os movimentos negros* e a *Dinâmica do movimento Negro*, onde o autor destaca o surgimento da Frente Negra Brasileira (FNB) nos anos de 1930, em São Paulo; o Teatro Experimental do Negro (TEN), criado no Rio de Janeiro após a redemocratização em 1945; o Movimento Negro Unificado (MNU), fundado em 1978,

movimentos estes, caracterizados pelas tensões raciais no Brasil moderno. Dessa forma, o autor esquematiza o desenvolvimento do movimento político dos negros no século XX, onde ele ressalva que apenas nos anos de 1980 ocorre uma virada no discurso político negro, justamente na confluência de uma política de esquerda com a busca de africanidade.

No tópico seguinte, o autor discute *O quilombismo ou a influência de Abdias Nascimento nos anos 1980*, nesse sentido, ele destaca a grande influência sofrida na formação ideológica do movimento negro nos anos 1980, a partir da doutrina do “quilombismo” forjada por Abdias do Nascimento. Dento desse contexto, ele destaca alguns elementos ideológicos do quilombismo, são eles: Anti-capitalismo; bi-racialismo; maioria oprimida; exclusão e terror; direitos civis; e anti-imperialismo. Já no último tópico do capítulo, o autor discute *Os limites da cooptação*, onde ele destaca que tanto nos dias de hoje quanto em períodos anteriores (1930-1937; 1945-1964) o protesto negro forma-se num ambiente de efervescência intelectual e de mobilização política intensa da sociedade brasileira.

Nesse sentido, ele destaca que o movimento negro atual, em sua pluralidade, trouxe para a cena brasileira uma agenda que alia política de reconhecimento, política de identidade, política de cidadania e política redistributiva. Dessa forma, demonstra o que é fato: a amplitude das demandas tem alimentado continuamente o ativismo político negro, arrefecendo as tentações de cooptação.

A obra *Histórias do movimento negro no Brasil*, organizado por Verena Alberti e Amílcar Araújo Pereira, é resultado de uma pesquisa realizada pelo (CPDOC) da Fundação Getúlio Vargas, desenvolvida entre os anos de 2003 e 2007, com o objetivo de formar um banco de entrevistas com lideranças do movimento negro no Brasil, a partir das décadas de 1970 e 1980 em todas as regiões do país. Dentre os entrevistados, estão: Oliveira Silveira, Amauri Mendes Pereira, Antônio Carlos dos Santos (Vovô), Carlos Alberto Medeiros, Diva Moreira, Djenal Nobre Cruz, Edna Roland, Edson Cardoso, dentre outros.

Esse livro é uma obra de fundamental relevância, pois traz à tona relatos dos principais militantes do movimento negro no Brasil. As discussões elencadas na obra relacionam-se a tomada de consciência dos militantes e ativistas negros com relação aos problemas raciais existente em nosso país; as “influências externas”- (Diálogos entre o Atlântico Negro) e os referenciais que os militantes negros receberam; a questão da política no Brasil; a organização do movimento negro brasileiro, suas formas de ação,

dentre outras questões. Pensando desta forma, o trabalho a que se pretende, visa corroborar com as lutas da população negra, evidenciando a fala e os escritos dos militantes negros.

Nesta obra, gostaria de elencar as discussões presentes no quinto capítulo *Formas de Ação*, no qual se discute a partir do depoimento dos entrevistados: as estratégias iniciais do movimento negro no Brasil; as articulações com a política partidária e o poder executivo; e por fim, Cultura e política dentro do movimento; e também as ideias que permeiam o sexto capítulo *1988*, onde se discute questões relacionadas ao “negro e a Constituição”; assim como o “centenário da abolição”.

No quinto capítulo *Formas de Ação*, as discussões pautam-se nas formas de ação articuladas pelo movimento negro no Brasil, onde se traça um panorama das estratégias iniciais desenvolvidas pelo movimento, passando pelas articulações com a política partidária e o poder executivo, discutindo-se ao final, a questão cultural e política. Dentre os entrevistados destacamos: Carlos Alberto Medeiros, Oliveira Silveira, Yedo Ferreira, Mundinha Araújo, Jurema Batista, Hédio Silva Júnior, Diva Moreira, Édson Cardoso, Magno Cruz, Luiz Alves Ferreira “Luizão”, Antônio Carlos dos Santos “vovô”, Luiz Silva “Cuti”, dentre outros, todos ativistas e militantes do movimento negro brasileiro. Inicialmente, discute-se entre os entrevistados as estratégias iniciais articuladas pelo movimento negro no Brasil. A partir da fala dos entrevistados pode-se perceber que grande parte das manifestações desenvolvidas pelo movimento negro, que começava a se firmar no Brasil, assim como das diversas entidades negras que ressurgiam no cenário brasileiro em decorrência do período de redemocratização, ocorreu na década de 1970, também conhecida pela denominação “décadas africanas”.

Dentre as diversas entidades que surgiram nessa época (1970), destacamos: Grupo Palmares, fundado por volta do ano de 1971 no RS, que teve como um de seus grandes idealizadores o poeta gaúcho Oliveira Silveira, grupo que ficou conhecido nacionalmente como tendo sido o primeiro a defender a data 20 de novembro como dia da Consciência Negra do Brasil, em homenagem a Zumbi, o grande líder de Palmares; Centro de Cultura e Arte Negra (Cecan), fundado na cidade de São Paulo em 1972; Centro de estudos Afro-Asiáticos (CEAA); Sociedade de Intercâmbio Brasil-África (Sinba), fundada em 1974 no Rio de Janeiro; Instituto de Pesquisas das Culturas Negras (IPCN), fundada em 1975 no RJ, a partir de uma cisão na Sinba, dentre outras.

Dentro desse contexto, destaca-se no ano de 1978, a fundação do Movimento Negro Unificado (MNU), inicialmente denominado Movimento Negro Unificado Contra a Discriminação Racial (MNU-CDR), assim como da realização do primeiro Festival Comunitário Negro Zumbi (Feconezu), que é realizado até hoje no interior de São Paulo. Nessa ocasião, foi publicado o primeiro volume da série *Cadernos Negros*, objeto de estudo do presente trabalho, uma coleção publicada anualmente que reúne trabalhos de vários escritores negros, na qual se alterna, a cada publicação, poemas e contos, sendo esta, publicada até os dias atuais.

Dentro dessa perspectiva, percebemos que, de forma geral, as estratégias iniciais do movimento negro estavam sempre ligadas a uma dessas entidades, onde ocorriam reuniões constantes por parte de seus militantes, com o objetivo de se organizarem melhor na luta contra a desigualdade racial brasileira. Dentre as atividades e manifestações desenvolvidas, destacamos: a realização de palestras; a publicação de manifestos em jornais da época; realização de semanas culturais ligadas à história do negro; realização de encontros interestaduais ligados à temática negra; realização de campanhas ligadas à valorização e conscientização da raça negra; denúncias de discriminação racial, dentre outras.

Em seguida, discute-se no capítulo as articulações desenvolvidas pelo movimento negro com a política partidária e o poder executivo. Onde se percebe a partir dos depoimentos, que grande parte dos militantes e ativistas negros ingressou na política partidária através dos partidos de esquerda, mais especificamente, no PT (partido dos Trabalhadores) onde significativa parte do pessoal do MNU (Movimento Negro Unificado) era filiado. Muitos entre os militantes participaram da fundação deste em seus respectivos estados. A partir dessas filiações que ocorreram, os militantes negros começaram a se articularem dentro dessas organizações partidárias, com o objetivo de alcançarem melhores condições para a comunidade negra.

Dessa forma, começaram a surgir dentro do poder executivo, conselhos, secretarias, comissões e organizações de encontros dentro dos partidos. Tudo isso ligado à discussão acerca da comunidade negra, assim como forma de buscar alternativas para combater a discriminação racial e promover políticas públicas. Além disso, os militantes negros começaram a lutar pelo lançamento de candidatos negros no poder legislativo, no qual se destacam: o grande intelectual e ativista negro Abdias do Nascimento (1914-2011), que foi deputado federal e Senador, com vários projetos voltados para a população negra brasileira, em especial ligados a área da educação; e Benedita Souza da

Silva (1942), que foi eleita vereadora da cidade do Rio de Janeiro em 1982, deputada federal, em 1986, senadora, em 1994, vice-governadora nas eleições de 1998, onde em 2002, com a renúncia do então governador Anthony Garotinho para concorrer às eleições para a presidência da República, assumiu o cargo de governadora do Estado do Rio de Janeiro. Além disso, foi nomeada ministra da assistência e promoção social pelo presidente Lula em 2003, e também secretária de ação social e direitos humanos do Estado do Rio de Janeiro, exemplos estes, que evidenciam essa ainda pequena participação das pessoas negras no meio político brasileiro, porém, bastante importante para que os avanços nesse sentido continuem a ocorrer.

No tópico seguinte, discute-se a relação entre cultura e política, dentro dessa perspectiva, os entrevistados destacam que alguns integrantes do MNU inicialmente criticaram a criação de entidades culturais negras, pois acreditavam que só através da política é que se chegaria à luta por melhores condições para os negros, sendo estes integrantes, considerados os dogmáticos do movimento, ou seja, havia uma corrente dentro do movimento negro considerada “culturalista”, eram os que defendiam uma mudança cultural, através da organização de eventos e publicações culturais, e outra corrente ligada ao movimento político, que defendia uma mudança mais profunda. Segundo o entrevistado Ivair Alves dos Santos, é em meio a essa tensão do movimento negro, que em 1976-77 ocorre uma cisão e, em sua opinião, o MNU surge dessa cisão, onde o Luiz Silva Cuti destaca: “o movimento negro é uma coisa muito difusa: são muitas atividades e muitas entidades”. (SANTOS, In: ALBERTI e VERENA, 2007, p.240).

No sexto capítulo *1988*, as discussões permeiam em torno da Constituição de 1988, nesse sentido, discute-se: “O negro e a constituição”; e o “centenário da abolição”. Dessa forma, percebe-se que as reivindicações pelo movimento negro para a Constituição pautaram-se basicamente pelo reconhecimento das diversas formas de acesso a terra pela comunidade negra; assim como, pela defesa de criminalização do racismo. Além de outras questões também importantes, como: a questão do imigrante africano; a preocupação com os países africanos de língua portuguesa; a questão da violência policial; a promoção da educação e saúde pública, entre outros. Para tanto, diversas entidades negras organizaram alguns encontros em meados dos anos 1986-88, com o objetivo de se articularem melhor na luta pelos seus direitos. Como exemplo, podemos citar: o primeiro encontro de negros da zona rural em 1986, cujo tema foi: “O negro e a Constituinte”; o I Encontro de Comunidades Negras Rurais do Maranhão em



1986, com o tema “O negro na Constituição”; também em 1986, o MNU promoveu um congresso pré-Constituinte em Brasília, aberto para todas as entidades do movimento negro do país; em 1987, o tema do Encontro de Negros do Norte e Nordeste foi “Terra de quilombo”, dentre outros eventos.

No segundo item discutido, denominado “o centenário da abolição”, os entrevistados relatam as diferentes formas de manifestações promovidas pelas entidades negras, com o intuito de contestar às tentativas de manipular o sentido do centenário da abolição pelo estado brasileiro. Foi a resposta dada pelo movimento negro brasileiro contra as comemorações oficiais da “falsa abolição” ocorrida em 1888, pois as diferentes formas de manifestação do racismo e da discriminação racial perpetuaram-se ao longo desses 100 anos que se passaram, prolongando-se até os dias atuais.

Dentro desse contexto, destaca-se a Marcha contra a Farsa da Abolição de 1988, ocorrida no Rio de Janeiro, a marcha teve grande repercussão, onde houve até repressão policial. Diante de uma declaração feita pelo ativista negro, Frei David, acerca do Duque de Caxias como sendo um dos principais falsos heróis do Brasil, já que o mesmo teria sido um escravista, o exército então acreditava que os manifestantes fossem depredar a estátua de Caxias, situada em frente ao batalhão. Segundo declaração do próprio Frei David, diante da repercussão que se formou esse confronto com o exército foi fundamental para dar amplitude à questão do negro no Brasil naquela fase. A marcha foi promovida por integrantes ligados ao IPCN (Instituto de Pesquisa das Culturas Negras), que lutavam por uma reinterpretação do Centenário da Abolição, assim como por uma conscientização da população brasileira acerca das discriminações e desigualdades ainda existentes com relação à comunidade negra.

#### **2.4 - Cadernos Negros: tecendo algumas considerações**

O livro *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU* é resultado da tese de doutorado da autora Florentina da Silva Souza, defendida na Universidade Federal de Minas, no ano de 2000. Nesse sentido, na Introdução, a autora destaca que seu projeto de estudo pautou-se inicialmente acerca dos discursos produzidos por autores negros no Brasil a partir da eclosão na mídia e nos meios institucionais de debates relativos à abolição. No entanto, com a formalização do seu projeto, a análise foi reduzida a dois periódicos publicados durante as últimas décadas do século passado,

são eles: os *Cadernos Negros* e o *Jornal do Movimento Negro Unificado* (jornal do MNU). Dentro dessa perspectiva de análise, a autora destaca que:

Eles documentam o discurso de uma geração de escritores negros, nascidos, em sua maioria, por volta dos anos de 1950 e composta de estudantes que militaram ou eram próximos aos partidos e aos movimentos de esquerda e de entidades negras, no fim da década de setenta. Desde então, os escritores organizaram-se com o objetivo de tornarem audíveis suas vozes de crítica e de protesto, contra os modelos de representação e de tessitura das relações raciais no Brasil.  
[...]

Os textos, literários ou não, são compostos de fragmentos da vivência e das contradições decorrentes da ambivalência de ser, simultaneamente, participante e excluído, pertencente e não ao país. Além disso, reafirmam a diferença étnico-cultural e apostam na possibilidade de o discurso identitário afro-brasileiro gerar tensões que contribuam para a emancipação do grupo étnico. (SOUZA, 2005, p. 11-12).

Portanto, seu objetivo foi o de examinar o processo de invenção de um discurso de representação e de produção de identidades afro-brasileiras a partir dessas duas publicações alternativas ligadas ao movimento negro no Brasil. Nas quais, os *Cadernos Negros* divulgam contos e poemas de temática variada relacionadas em sua maioria a vida, tradição e cultura dos afro-descendentes no Brasil. Já o *Jornal do MNU*, destaca a autora, apresenta textos ligados à discussão das formas e possibilidades de atuação política de negros e mestiços na vida pública, nas entidades negras e nos partidos políticos. A autora ressalva que:

As publicações foram escolhidas como objeto de estudo, tendo em vista, inicialmente, o seu longo período de circulação continuada, aliada ao fato de contarem com a participação de escritores de várias cidades brasileiras e, ainda, por circularem em vários estados. Por outro lado, como documentos verbais, ambos os periódicos viabilizam a criação de um espaço público para a expressão de um grupo excluído, silenciado e tornado invisível nos setores privilegiados da sociedade brasileira e propõem-se a contribuir para o despertar da “consciência crítica” de um grande número de afro-descendentes, nem sempre atentos às ambigüidades perversas do cordial racismo brasileiro. (SOUZA, 2005, p. 12-13).

Na primeira parte do livro *Uma Textualidade Afro-Brasileira*, a autora discute a possibilidade de proposição de um conceito de literatura afro-brasileira ou uma “literatura negra” no Brasil, caracterizando-a a partir do que denomina produção textual afro-brasileira. Com isso, examina as definições de literatura negra ou literatura afro-

brasileira propostas pelos escritores do periódico, na qual, estabelece um diálogo com outros estudos acerca da literatura negra desenvolvidos por outros autores, a exemplo de Zilá Bernd, Oswaldo Camargo e Luiza Lobo.

Dentro desse contexto, a autora questiona a viabilidade de um conceito de identidade cultural afro-brasileira a partir das sugestões dos estudos contemporâneos que a compreendem como posicional, circunstancial, móvel, gerada pelas necessidades de congraçamento ou união estratégicas. Ainda nessa perspectiva, ela destaca que a produção textual presente nos *Cadernos Negros* e *Jornal do MNU*, segundo seus autores, situam-se nas primeiras décadas do último século, e constitui um circuito de publicação alternativo produzido por negros e mestiços, e destinados a um público do mesmo grupo étnico. No texto, a autora ressalta ainda o fato de esses periódicos filiarem-se a uma tendência tímida e ainda pouco estudada, de tematizar as dificuldades encontradas pelos afro-descendentes para desfrutarem o direito a cidadania na sociedade brasileira. Nesse contexto, ela divide esta primeira parte do livro a partir dos seguintes tópicos: *As vozes e seu tempo*; *Texto, cor e histórias*; e *Linhagens*.

Em *As vozes e seu tempo*, a autora discute o fato de nas décadas de setenta e oitenta do século XX, vários segmentos da sociedade tidos por “minoritários”, a exemplo das mulheres, negros, imigrantes, entre outros, conseguirem dar visibilidade as suas reivindicações e auto-expressões nas discussões acerca da cultura, arte, comunicação e identidade. É nesse contexto que a autora insere os textos dos periódicos dos *Cadernos Negros* e do *Jornal do MNU*, que influenciados pelo universo político-cultural do período utiliza um processo alternativo de edição e distribuição de textos, fato este, muito comum nas décadas de setenta e oitenta, cujo objetivo era o de divulgar e pôr em circulação textos, jornais e revistas produzidos por negros e mestiços em algumas cidades do país.

Nesse sentido, a autora ressalta o fato de que mesmo diante do avanço ocorrido nas décadas de setenta e oitenta, da produção textual denominada afro-brasileira, o que ainda prevalece é uma literatura brasileira arraigada pelo discurso institucionalizado e hegemônico que continua apregoando a inexistência do racismo ou discriminação, com o objetivo de preservar o “mito da democracia racial brasileira”. No tópico seguinte *Texto, cor e histórias*, a autora elenca o fato de nos séculos XV e XVI os discursos de inferioridade produzidos acerca dos não-europeus, em particular sobre os negros africanos, terem sido construídos e atualizados durante todo o período de expansão e colonização europeia, fornecendo até hoje as bases para a caracterização das diferenças

étnicas e para a sedimentação do racismo persistente nas relações raciais. Nesse sentido, ela ressalta: “(...) Os africanos e os afro-descendentes, porém, não se mantiveram inertes e passivos diante do conjunto de representações que lhes foi imposto como caracterização; (...) (SOUZA, 2005, p. 53). Como exemplo a autora destaca no Brasil nomes como o de Zumbi, Luís Gonzaga das Virgens, Lucas Dantas, Manoel Faustino, João de Deus, Luiza Mahin, Luís Gama, dentre outros muitos e anônimos que: “(...) Através das suas histórias de vida e das lutas cotidianas, de modos variados, contestam, de forma veemente, a suposta inferioridade dos africanos e afro-descendentes” (SOUZA, 2005, p. 54).

Para tanto, destaca a autora: “Se o discurso é um meio de instauração do poder, a desautorização e a ruptura com certo tipo de discurso promoverão abalo nas estruturas discursivas e nas malhas do poder” (SOUZA, 2005, p. 57). Daí a importância dos grupos chamados minoritários provocarem uma ruptura nos discursos estereotipados, ou seja, nos discursos “brancos” de posição hegemônica, disputando a partir daí parcelas mais significativas das instâncias de poder. Dentro desse contexto, a autora ressalta que os poemas, contos e artigos presentes nos *Cadernos Negros* e *Jornal do MNU*, possuem um enunciador consciente de sua formação cultural e de sua dupla posição social, uma vez que transita entre as culturas de origem africana aprendidas de modo assistemático e a cultura obtida através dos universos institucionais. Diante disso, a autora nos diz que:

[...]

O escritor afro-brasileiro está ciente, também, de que descreve, cita ou narra fatos a partir de uma perspectiva do seu grupo étnico – minoritário na economia das relações de poder.

Não será a cor da pele ou a origem étnica o elemento definidor dessa produção textual, mas sim o compromisso de criar um discurso que manifeste as marcas das experiências históricas e cotidianas dos afro-descendentes no país. (SOUZA, 2005, p. 61).

Dentro dessa perspectiva, a autora insere os poemas dos *Cadernos Negros* que, comportam a complexidade da vida cotidiana e expressam o conjunto das reivindicações contra a exclusão. Além disso, “são ainda a inscrição da voz / fala do corpo, seus traços, suas marcas e histórias na escrita identitária” (SOUZA, 2005, p. 66). A autora ressalta ainda que:

Organizados na encruzilhada dos contatos propiciados pela diáspora, os periódicos representam um momento significativo da produção textual brasileira não institucionalizada, que rasura as configurações totalizantes do afro-brasileiro. Esse processo produz um espaço de

representação antagônica porque é contestador das construções homogeneizadoras, o qual, porém, se articula com os diversos saberes e culturas que lhe são disponibilizados. No diálogo com as culturas, as tradições de origem africana, sua significação e interpretação do mundo são privilegiadas e utilizadas de um modo que explicita a diferença e a impossibilidade de negá-la ou apagá-la. (SOUZA, 2005, p. 67).

No último tópico *Linhagens*, a autora elenca:

Os escritores dos *Cadernos Negros* e do *Jornal do MNU* sentem a necessidade de inserir seus textos no conjunto da textualidade brasileira e, para isso, pretendem compor a sua tradição de escrita para introduzi-la na tradição institucional. Com tal objetivo, procuram traçar uma possível linha imaginária que aproxime as suas produções e aquelas produzidas por outros escritores negros que, desde os séculos passados, vêm fazendo uso da palavra escrita para combater a escravidão, o racismo e a exclusão da vida sociocultural e política do país. (SOUZA, 2005, p. 71).

A partir daí, a autora destaca o fato desses periódicos buscarem “linhas de continuidade histórica” que legitimem suas vozes de modo a encontrar precursores em jornalistas, intelectuais negros e mestiços que atuaram na imprensa brasileira do século XIX. Já que nessa época havia dificuldades de impressão de livros, a autora ressalta que “os jornais e as revistas constituíram-se em instrumentos mais frequentemente utilizados para sedimentar as bases de um pensamento nacional, divulgar ideias científicas, conceitos e preconceitos que circulavam na Europa e chegavam até o Brasil” (SOUZA, 2005, p.72).

Dentro desse contexto, no subitem denominado *A eleição dos precursores*, a autora elenca nomes como o de Luís Gama, Maria Firmina dos Reis, José do Patrocínio, Lino Guedes, Solano Trindade, e também uma série de jornais e revistas, como: “O Menelick (1915), O Alfinete (1918), Getulino (1919), O Clarim da Alvorada (1924), Quilombo (1929), A Voz da Raça (1933), Alvorada (1945), Senzala (1946), A Voz da Negritude (1953) e Correio do Ébano (1977)” (SOUZA, 2005, p. 74). Segundo a autora, estes buscam a constituição de um discurso que reivindica para si uma especificidade retórica definida como negra ou afro-brasileira. Dentro dessa perspectiva, a autora ressalta:

Os *CN* e o *Jornal do MNU* procuram subverter o campo cultural instituído e visam também forjar um discurso que, se não toma o lugar desse instituído, possibilita promover a unidade do grupo étnico e a defesa contra discriminações – uma construção discursiva cujos

alicerces são fincados em bases diversas daquelas do discurso instituído da unidade nacional. (SOUZA, 2005, p. 92).

Na segunda parte do livro denominada *A Áspera parte*, a autora propõe a leitura dos “traços” que os discursos culturais dos *Cadernos Negros* e do *Jornal do MNU*, autodefinidos como negros, vêm a algum tempo inscrevendo na cultura brasileira. Dentro dessa perspectiva, ela apresenta os seguintes tópicos: *Os Cadernos Negros*; *Os prefácios-manifestos*; *Diálogos com a tradição*; *A cor e a pele*; *Momentos de celebração*; *Trânsitos da diáspora: Bahia [(África-Europa) e América]*; *De rosários e de contas*; e por fim, *Terreiro que fez batuque e dança a guerra*.

Em *Os Cadernos Negros*, a autora destaca que, estes começaram a ser publicados em 1978 em São Paulo, com a participação de escritores negros procedentes de vários estados brasileiros. A partir daí, anualmente são publicados poemas nos volumes de números ímpares e contos nos volumes de números pares, escolhidos por uma comissão entre os enviados pelos escritores e a organização do periódico. Dentro desse contexto, a autora ressalta que os participantes da série, em sua maioria, militaram ou militam em entidades ou grupos do movimento negro no Brasil, a exemplo do MNU, Negrícia, Quilombhoje, entre outros.

Além disso, ela destaca: “Os escritores fundadores e que vêm publicando no periódico há mais tempo estão hoje entre cinquenta anos, possuem formação universitária, foram estudantes na década de setenta, e, em sua maioria, membros do movimento estudantil ou de esquerda” (SOUZA, 2005, p. 96). Soma-se a isso o fato de alguns escritores do periódico ter textos publicados em antologias no Brasil e no exterior, além de algumas publicações individuais. Quanto à organização do periódico, a autora ressalta que do número um ao cinco, as funções de ordenar e preparar os textos, assim como a edição, foram desempenhadas pelos próprios escritores.

A partir do periódico seis, a organização geral, divulgação e distribuição do periódico passou a ser de responsabilidade de um grupo de escritores denominado Quilombhoje. Do número dezessete em diante a organização geral das edições passaram a ser feitas pelo grupo Quilombhoje em parceria com a editora Anita Garibaldi, onde a partir do número seguinte, o periódico apresenta como subtítulo “Contos afro-brasileiros”, que a partir do número 19 passará a denominar-se “Poemas afro-brasileiros”. Com relação às capas do periódico, segundo a autora, estas funcionam como um anúncio publicitário que são projetadas com a intenção de atrair leitores,

assim como a de tecer prioritariamente textos e significados veiculados e defendidos pela linha editorial. Para tanto, citamos:

O incentivo à luta contra a discriminação racial é costurado através de fotos com negros e negras em posição guerreira e combativa, portando lanças e dispostos ao enfrentamento. Além disso, justamente com a reprodução de símbolos das culturas africanas como as máscaras, é um exemplo do interesse dos editores em fazer das capas do periódico um instrumento de persuasão e mobilização do leitor, para participar da agenda política defendida pelo periódico. (SOUZA, 2005, p. 99).

Além disso, a autora destaca que o desenho de contra-imagens que podem ser observados tanto nos textos quanto nas capas do periódico, tornaram-se veículos de propagação da beleza negra, da expressividade do corpo negro, assim como das tradições de origem africana e da disposição do afro-descendente para a luta e por um espaço de atuação na sociedade. Destaca ainda, que a pequena seção intitulada “nossa capa” de modo similar aos prefácios, sugere caminhos de leitura e orienta a interpretação das capas e textos em direção aos sentidos priorizados.

No tocante as contracapas, a autora ressalta que, na maioria dos casos, são constituídas por pequenas fotografias dos escritores que publicam em cada número. Por fim, ela ressalta o fato de que o periódico possui uma produção textual de protesto e luta, utilizando uma linguagem predominantemente de apelo e persuasão, já que o objetivo é mobilizar o leitor para reagir às situações de discriminação e racismo que continuam a acontecer.

Em *Os prefácios-manifestos*, a autora destaca que grande parte das edições dos *Cadernos Negros* é precedida de uma introdução ou apresentação, construídas por figuras representativas dos estudos da história e tradição de origem africana ou de representantes da militância negra. Segundo a autora, estes prefácios configuram-se como uma espécie de manifestos da produção textual, nos quais, pessoas identificadas com os objetivos do periódico apresentam e explicam as propostas do conjunto de textos. Nesse sentido, é enfatizada a importância da publicação para as lutas contra o racismo e a discriminação racial, assim como a urgência de se produzirem identidades afro-brasileiras por meio dos textos. Dentro dessa perspectiva, os textos dos prefácios fazem uma releitura de episódios históricos e heróis negros, e a partir daí elaboram uma história da participação do negro na construção do Brasil. Dessa forma, elencamos:

Os prefaciadores e também os escritores dos *CN* consultam e remexem os arquivos históricos e culturais e retiram de sob a poeira dos tempos Palmares, Zumbi, Luiza Mahin, Revolta dos Búzios, Revolta do Malês, Revolta da Chibata e, com este material, elaboram uma história da participação do negro na construção do Brasil.

[...]

Pode parecer redundante a insistência dos escritores em construir outra versão da história dos africanos e afro-descendentes no Brasil, entretanto vale ressaltar que a repetição será usada como recurso indispensável para reverter o repetido e repetitivo discurso do estereótipo inferiorizante. (SOUZA, 2005, p. 107).

No tópico seguinte *Diálogos com a tradição*, a autora discute o fato dos autores dos textos presentes nos *CN* não desprezarem a produção textual brasileira instituída, porém, ao traçarem um diálogo com esta, rejeitam a linguagem normativa imposta como modelo. Onde ela ressalta que:

[...] fazem uso dos conhecimentos de formas, estilos e recursos literários canônicos acumulados, de modo sistemático ou não, através das leituras de obras de escritores da tradição instituída e também, em alguns casos, da leitura dos textos dos escritores da chamada “literatura marginal”, que circulou, durante as décadas de setenta e oitenta do século passado, nas grandes cidades do Brasil. (SOUZA, 2005, p. 114).

Dentro desse contexto, a autora destaca os autores: Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira, João Cabral, Lima Barreto, chamados grandes nomes do cânone, assim como escritores componentes de uma tradição textual negra, não-canônica, como Lino Guedes e Solano Trindade:

A influência é explicitada e assumida, porém move os poetas o desejo de construir um lugar de ruptura com o cânone, reverte-lhe o sistema de significação e de valoração e, desta forma, apontar os “equivocos ideológicos” dos escritores inscritos na tradição. No intuito de organizar outro sistema de significação e de valores, no desejo de construir outros códigos de significação, será feita uma deferência ao escritor canônico; afinal, alguns deles serão escolhidos enquanto contrapontos ilustrativos dos momentos de ruptura. (SOUZA, 2005, p. 115).

Além disso, ela destaca que, na maioria das vezes, o diálogo com os textos da literatura instituída estabelece-se de modo a reverter sentidos e deslocar as marcas do etnocentrismo, “desnaturalizar” os lugares sociais dos personagens negros, atribuindo-lhes o poder da voz e da ação.



Em *A cor e a pele*, a autora discute o fato de na tradição literária brasileira, a cor branca sempre ter sido utilizada com o sentido de pureza, santidade, perfeição, em oposição ao mistério, ao inescrutável, aliados ao medo e terror inspirados pela cor preta. Nesse sentido, ela destaca que os movimentos negros mantêm a expressão designativa negro, com o objetivo de libertá-la dos sentidos inferiorizantes e depreciativos insistentemente repetidos, dando-lhes outros significados:

Para os escritores do periódico, a negritude consiste na adoção e ressignificação do *ser negro* – um trabalho de revalorização dos múltiplos aspectos da cultura africana, recalcada como primitiva e fetichista, e a construção de um discurso identitário que transcende os estreitos limites da cor da pele e defini-se pelo desejo de compor uma tradição de resistência e auto-estima. (SOUZA, 2005, p. 137).

Além disso, ela destaca que, em contraposição à tradição ocidental do século XIX, onde o corpo negro era representado na arte e na ciência como corpo doente, associado ao pecado e aos desvios sexuais, os textos dos *CN* restituem-lhe a saúde, a “normalidade” e a beleza, apreciando-o em sua especificidade e diferença.

Em *Momentos de celebração*, a autora destaca que durante as comemorações relativas ao centenário da abolição, os movimentos negros e a academia, notadamente nos campos de História, da Antropologia e da Sociologia, empenharam-se na produção de análises críticas com relação às explicações e análises da escravidão e da abolição realizadas pela História instituída. Nesse sentido, a autora ainda destaca que, o objetivo foi o de proceder a uma releitura e reconstrução da história do negro no Brasil, apontando os diferentes modos de participação do grupo étnico na constituição do país. Dentro desse contexto, a autora ressalta:

Os movimentos negros, há algum tempo, propõe a revisão do significado histórico da abolição e da escravidão e destacam que este fato, consagrado pelos discursos oficiais hegemônicos, não modificou muito a situação dos negros e afro-descendentes, pois que trouxe como desastrosa consequência a fixação das práticas discriminatórias. (SOUZA, 2005, p. 146).

No tópico denominado *Trânsitos da diáspora: Bahia [(África-Europa) e América]*, a autora destaca os intercâmbios ocorridos através da diáspora africana, na qual ocorreram trocas nas mais diferentes esferas, a exemplo das trocas e intercâmbios ocorridos no campo da produção textual e no setor musical, as influências recebidas pelos escritores negros do Brasil das literaturas africanas escritas em língua portuguesa,

através de jornais, revistas e livros que aqui chegavam. Ainda nesse contexto, ela ressalta:

No tocante à *negritude*, é sabido que nomes como Roger Bastide e Abdias do Nascimento fizeram circular o termo, no Brasil, por volta da década de 40-50. Os escritores e militantes negros que ouviram e se apropriaram da expressão *negritude* adaptaram seu significado aos objetivos e especificidades do movimento local, despojando-o de algumas das conotações sugeridas pelo movimento da França. (SOUZA, 2005, p. 163).

Por fim, a autora destaca que a religião e os folguedos de origens africanas, circunstancialmente permitidas ao negro na diáspora no Brasil, constituíam formas de manutenção dos vínculos com as suas tradições e culturas de origem, tendo influenciado e sido influenciada pelas religiões cristãs.

No tópico seguinte, *De Rosários e de Contas*, a autora examina o fato de o sistema “educativo colonial” ter se apropriado dos rosários e de contas utilizados pelos africanos como forma de apontar pertencimentos e devoções religiosas, reconfigurando seu sentido como parte da devoção católica:

Para o jesuíta, uma vez instaurado o processo de ressignificação, as contas, símbolos dos pertencimentos étnicos, passam a símbolos da “libertação do paganismo”, do pecado e do demônio, tornam-se marcos de ruptura com as tradições de origem africanas e adoção do catolicismo [...] (SOUZA, 2005, p. 169).

Além disso, a autora ressalta que, diante das proibições dos cultos, vigentes até o século XX, várias soluções foram buscadas, de modo que o templo de culto, o terreiro e os bens simbólicos pudessem reinstalar a atmosfera mítica da cosmovisão étnica. Como exemplo, a autora cita: o pagamento das taxas de licenças de funcionamento e mesmo da supressão de determinados elementos do ritual, assim como as mesclas ocorridas entre tradição de origem africana e a tradição de origem branca.

No último tópico *Terreiro que fez batuque e dança a Guerra*, a autora elenca o fato de o terreiro representar o templo de culto e o espaço de preservação dos bens simbólicos onde são praticados os rituais das religiões de origem africana. A autora destaca ainda as diferenças entre as religiões judaico-cristãs e as religiões da tradição africana, onde estas possuem um corpo de entidades sagradas ligadas a terra e à natureza. Dentro dessa perspectiva, ela relata o fato de alguns poemas e contos publicados nos *CN* empenhar-se no uso tanto de expressões de origem Iorubá, como

também no uso de personagens, nomes, narrativas e enredos que evocam elementos das tradições de origem africana, como forma de preservar e ativar a presença destes elementos no repertório textual do país.

### III – CAPÍTULO 3

#### ANÁLISE DOS ENSAIOS

##### 3.1 –30 Anos de Leitura

No ensaio *30 anos de leitura* de autoria de Florentina Souza, a autora discorre inicialmente acerca do fato de que no Brasil predominou na literatura brasileira um discurso ligado majoritariamente a espaços de produção de homens, membros das classes privilegiadas econômica e socialmente, não pertencentes aos grupos étnicos negros ou indígenas, e que mesmo diante desses obstáculos, os periódicos (jornais e revistas) constituíram desde o século XIX, uma das formas de expressão utilizada pelos afrodescendentes no Brasil. Nesse sentido, a autora destaca nomes como os de Luís Gama e José do Patrocínio que publicavam textos durante os anos da campanha abolicionista no século XIX, assim como a denominada “imprensa negra” que ocorreu nas primeiras décadas do século XX, e tinham o mesmo propósito, pois se configurava também a partir da publicação de textos de afrodescendentes em uma série de jornais, como forma de inserção e manifestação de suas ideias a partir da linguagem escrita, que sempre foi bastante privilegiada pela tradição historiográfica ocidental.

A partir daí, a autora ressalta o fato de que a oralidade sempre foi um elemento estruturante e bastante forte das culturas africanas, onde a palavra falada foi muito utilizada enquanto instrumento de transmissão do conhecimento e também atualização dos saberes. Dessa forma, este fato, foi utilizado como um dos motivos de exclusão das tradições africanas no campo das produções literárias, notadamente caracterizada pela valorização de uma linguagem escrita.

Dentro desse contexto é que ela situa o surgimento do primeiro número dos *Cadernos Negros (CN)* na década de 1970 por iniciativa de um grupo de oito jovens afro-brasileiros que em 1978 lança o primeiro volume em São Paulo, pois mesmo que anteriormente escritores negros já publicassem seus textos e poemas enquanto enunciadores de suas histórias e anseios, a exemplo dos grandes escritores e poetas negros Solano Trindade e Oliveira Silveira, onde este já escreve e publica desde a década de 1960 e aquele desde os anos de 1930, fazia-se necessário algo maior nesse sentido, a ideia era justamente unir todas essas vozes a partir de uma matriz comum, de forma que toda essa movimentação se tornasse cada vez maior e mais forte, havia uma ausência e uma grande necessidade nesse sentido.

Além disso, ela destaca que essa coletânea vem principalmente para preencher uma lacuna presente na produção literária editorial brasileira, marcada pelos “grandes” cânones que não contemplavam os textos de escritores negros. Dentro dessa perspectiva, a autora traça um panorama geral englobando no decorrer desses 30 anos de publicação elementos característicos que sempre se fizeram presentes, onde ela destaca a forma como as apresentações, prefácios, “orelhas” e capas dessas coletâneas sempre foram apropriados pelos diversos escritores nela presentes enquanto instrumentos de afirmação da identidade negra e um excelente espaço de discussão de suas ideias e críticas, já que apesar de ter sido idealizada por jovens da cidade de São Paulo, a coletânea englobava e engloba escritores de todo Brasil, portanto, reforça-se a ideia dos vários enunciadores com as mais diversas ideias, falando de um lugar em comum, daí sua elevada importância.

Sendo assim, ela ressalta elementos recorrentes nos poemas e contos ligados a vários temas do cotidiano e da história do negro no Brasil, e também muito interessante destaca ela é a forma como alguns escritores se utilizam de uma possível intertextualidade para traçar diálogos e criticar escritores ligados ao cânone da literatura brasileira, onde ela cita o título do poema do escritor Oliveira Silveira “Outra negra Fulô”, dentre outros.

No texto, a autora relata ainda a grande importância que a coletânea exerceu em outros grupos de negros, pois essa literatura foi e é bastante utilizada enquanto uma “arma” na luta contra a discriminação racial, trazendo para essas pessoas que tomam contato com os textos, um sentimento de pertencimento, de valorização de seu povo e de sua cultura, trazendo à tona a valorização de sua identidade enquanto um instrumento de conscientização.

Dentro desse contexto, ela trás também em seu texto o fato de como essa coletânea trouxe à tona também um debate crítico acerca da literatura brasileira e da literatura negra no Brasil que vinha se configurando enquanto mais um instrumento de luta dessa população que foi e continua sendo posta a margem da sociedade brasileira, mesmo que de forma velada. E nessa perspectiva é que ela destaca o papel desses escritores que se autodenominam enquanto produtores sim de uma literatura negra, pois por mais que os críticos queiram elencar o caráter “incolor” da literatura e arte brasileiras, estas foram marcadamente espaços de proliferação das ideias de uma elite brasileira e notadamente branca, que o tempo todo deixou de lado fatos históricos importantes relacionados às lutas da população negra, assim como nossos heróis negros.

Em seu texto, a autora ressalta também, as grandes dificuldades enfrentadas e vencidas por seus idealizadores que desde o primeiro volume foram custeados pelos próprios escritores, o que dificultava sua tiragem e circulação, onde somente em 1994 ocorre a participação da editora Anita Garibaldi, em co-edição com o grupo Quilombhoje que desde 1983 era responsável pela edição do periódico. Nesse sentido, ela ressalta o fato de que mesmo diante de todas essas circunstâncias iniciais enfrentadas, o periódico audaciosamente se manteve até os dias atuais. Onde por fim, ela elenca a grande importância de se pensar em possíveis republicações das edições anteriores já esgotadas e de difícil acesso, pois seria um importante instrumento material para auxiliar professores em pôr na prática a Lei 10.639/03<sup>3</sup>, atual 11.645/06, já que uma das reivindicações desses educadores seria a ausência de material didático, destacando nesse sentido, que a ideia dessa edição comemorativa em torno de seus 30 anos circule entre o maior público possível e nos mais diversos espaços.

### **3.2 – Cadernos Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência**

No segundo ensaio *Cadernos Negros: 30 anos de literatura em compasso de resistência*, de Maria Nazareth Soares Fonseca, a autora ressalta o reconhecimento de luta de uma literatura desligada dos cânones, assim como do fato dos poemas presentes desde a primeira edição dos Cadernos Negros destacarem-se como marcos de uma luta de escritores afro-brasileiros que se expandia anteriormente a esta publicação, a exemplo de Luís Gama, Cruz e Souza e até mesmo Machado de Assis, ainda no século XIX.

Nesse sentido, ela destaca a ideia de como esses escritores negros foram influenciados pelo contexto do momento, seja a nível nacional ou a nível mundial, onde ela cita o assassinato do líder afro-americano Martin Luther King, em 1968; a luta pela liberdade dos povos africanos e os próprios movimentos dos afro-americanos contra a segregação racial; o importante movimento da Negritude surgido ainda nos anos 30 na França, criado por Aimé Césaire, Léopold Senghor e Leon Damas, os chamados escritores francófonos, que lutavam pela defesa dos direitos do homem negro; as lutas contra o colonialismo, seria o chamado “diálogos entre o atlântico negro”; e a nível

---

<sup>3</sup> Publicada em 9 de janeiro de 2003, a Lei 10.639 tornou obrigatório o ensino sobre História e Cultura Afro-Brasileira, nos estabelecimentos de ensino fundamental e médio, oficiais e particulares. Alterada pela Lei 11.645/08, que acrescenta a temática Indígena.

nacional pode-se ressaltar a incessante luta da população negra contra a discriminação racial e em prol de direitos iguais, que desde a época da colonização se fazia presente a partir das lutas e resistência dessa população escravizada contra sua dominação, onde o maior símbolo se configura em torno do ícone heroico da resistência, o grande líder negro Zumbi dos Palmares, ou seja, a população negra busca cada vez mais que se configure realmente uma verdadeira democracia racial brasileira, uma ideia que foi tão difundida, mas muito pouco provável em nosso país.

Nesse contexto, a autora destaca as ideias presentes nos prefácios dessas edições, que sempre traziam palavras ressaltando a importância desses acontecimentos elencados acima, enquanto instrumentos que tanto influenciaram na conscientização e constante luta desses militantes e escritores. Pois essa luta é antiga e se perpetua até os dias atuais. Nessa perspectiva, podemos citar:

O prefácio confirma o olhar voltado para o continente africano (a África está se libertando!) mas também assume a consciência de que a literatura poderia ser, como o foi nas lutas contra a segregação imposta aos descendentes de escravos no Brasil. (FONSECA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 58).

A partir daí, a autora ressalta o fato de que esses prefácios configuram-se enquanto apresentações feitas pelos próprios escritores ou pelos dirigentes do Grupo Quilombhoje, que assume a produção e edição dos *Cadernos* a partir do nº6, assim como por estudiosos da questão negra no Brasil, sempre trazendo questões pertinentes a produção literária de escritores negros, discutindo por exemplo questões relativas a literatura enquanto espaço para tornar pública às vozes pouco ouvidas no cenário literário brasileiro, situações ligadas a história do negro no Brasil, dentre outras questões.

### **3.3 –Cadernos Negros: repensando o leitor e a leitura através do texto afro-brasileiro**

Já no terceiro ensaio denominado *Cadernos Negros: repensando o leitor e a leitura através do texto Afro-brasileiro*, da autora Maria Cândida Ferreira de Almeida, em seu texto ela reflete sobre a seguinte indagação: “Quem é o leitor na literatura afro-

brasileira?”. Nesse contexto, a autora ressalta a ambiguidade e imprecisão da resposta para essa questão, devido aos limites que se impõe para sabermos quem é o próprio leitor brasileiro. Dentro dessa perspectiva, ela analisa a opinião de alguns dos autores que publicam nos *Cadernos Negros* desde as primeiras edições, a exemplo de Cuti, dentre outros, assim como também analisa a escrita de autores que foram anteriores a esta publicação, a exemplo da escritora Carolina Maria de Jesus, Lima Barreto, Cruz e Souza e Éle Semog.

A partir daí ela indaga: para quem escrevem os autores dos *Cadernos Negros*? onde destaca a certeza de que essa coletânea também se direciona para o público formado na tradição moderna literária ocidental. Nesse sentido, a autora trás exemplos de como os escritores dessa coletânea se utilizam da licença poética para em seus poemas e contos darem outra conotação ou perspectiva aos personagens negros presentes nas obras dos cânones da literatura brasileira, ideia esta, já refutada nos ensaios anteriores, no qual ela exemplifica esse fato citando recortes de alguns contos de escritores que publicaram na coletânea. Sendo assim, a autora elenca três possíveis possibilidades de leitores: o leitor afrodescendente, o leitor-estudante e o terceiro tipo seria um leitor dentro do texto. Onde por fim, ela ressalta:

[...]esta é uma obra de combate, e apesar de minha leitura formalista que distingue a representação do leitor e da leitura através dos contos escolhidos, não é possível escamotear estes princípios reguladores do texto.

Deixei para estas linhas finais as considerações sobre um dos aspectos do conteúdo que mais singularizam a produção dos autores dos *Cadernos* porque a cada tratamento dos tópicos pertinentes ao meu roteiro de leitura a relevância do espinhoso tema do racismo brasileiro e a perturbação que ainda causa na ordem das letras. Os *Cadernos Negros* ainda são uma dissonância no cenário literário e, igualmente, são autores cada vez mais difíceis de serem ignorados dada a contingência que vivemos: a disposição que o país finalmente encontrou para enfrentar por meio de políticas de ação afirmativa a desigualdade fundada nas relações étnico-raciais que persistem desde nossa fundação como Estado independente. (ALMEIDA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 79).

### **3.4 –As noções textuais da negrura na série *Cadernos Negros***

No quarto ensaio *As noções textuais da negrura na série *Cadernos Negros**, do autor Fausto Antônio, ele discorre acerca dos elementos formadores dos textos



presentes nos *Cadernos*, assim como das intencionalidades específicas presentes nos contos, poemas e teorias. Para tanto, destacamos:

Nos vinte e nove anos de existência dos *Cadernos Negros* (CN), os elementos formadores dos textos, cujo conjunto nos dá a configuração da questão negra e nos define a própria noção textual da negrura, são, a cada nova publicação, mais carregados de significações. Cresce, no escopo significativo, nos textos em prosa, em verso e nas teorias, a questão da identidade racial. A problematização da identidade é objeto nuclear e compõe um percurso inseparável dos textos e das teorias. Identidade racial nos *CN* significa, igualmente, empreender movimento para a superação das desigualdades raciais a que estão submetidos os negros.

Pode-se dizer que os contos, poemas e teorias publicados pela série são dotados de intencionalidades específicas em torno do negro e da problemática negra para discutir, por exemplo, o que é literatura na perspectiva identitária negra. A projeção afirmativa do signo negro e a visibilidade positiva da cultura permitem a circulação, numa forma de revanche, de uma linguagem que se contrapõe ao racismo e aos efeitos na linguagem e discursos. (ANTÔNIO, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 81).

O autor ressalta ainda o fato de haver uma aproximação do universo simbólico da religião de matriz africana nesta escrita negra, sempre apresentando também palavras de referência como “negro, África, diáspora, religião, memória, ancestralidade”, dentre outras. Nesse sentido, há também enquanto elementos constitutivos dessa produção literária a discussão ou inscrição do corpo e signos negros, a partir dessa constatação, ressaltamos também a presença desse corpo negro e seus signos nas capas desses *Cadernos*, algo que o autor identifica enquanto ligação do eixo literatura e militância.

Dentro dessa perspectiva, gostaríamos de destacar:

A afonia em relação à condição negra está ligada a uma rede ou a sistemas de discursos, ideias, teorias e ações. As posições favoráveis à afonia não são construídas isoladamente. As movimentações que incrementam racial, social, e textualmente a visibilidade negra também não serão explicitadas apenas na ação e discursos de um único sujeito. Os *CN* consubstanciam, através de uma rede (ou de um sistema) de discursos, ideias, teorias e ações, as variações da produção literária nas suas relações com a realidade brasileira. (ANTÔNIO, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 83).

Em um segundo momento do seu texto, o autor irá discutir acerca “das noções textuais da negrura nos discursos e poemas dos *Cadernos Negros*”, onde para tanto, ele ressalta inicialmente a partir das ideias de (ARISTÓTELES, 1990), o fato de que “a

escritura dos *Cadernos Negros* não é apenas uma coletânea, mas um caderno literário inaugurado num período de retomada da luta contra a discriminação racial (...). Portanto, nessa perspectiva, segundo o autor, há nos discursos presentes nesses Cadernos um ponto de intersecção cultural a partir de um ponto de mediação entre os autores e os textos. Dessa forma, em consonância de ratificação dessa ideia, ressaltamos:

O espelho constitutivo da condição do negro desloca-se nesse processo relacional no qual se projeta a sua própria inclusão. A negrura está, assim, enquanto noção textual e não um valor em si, inscrita numa rede que traz, nas suas tessituras, indicações e noções em movimento, isto é, noções indagativas que deixam marcas transitivas cujos significados vão compondo ou recompondo o *topos* discursivo. A negrura passa, necessariamente, pela compreensão da problemática negra, pela valorização da cultura negra e pela desalienação. (ANTÔNIO, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 91).

Dessa forma, fica claro a ideia de que há sempre presente nessas representações uma rede de relações em que o interlocutor se utiliza de suas palavras na construção dessa produção literária para resgatar e tornar evidente toda a cultura e história de nossa população negra que esteve sempre posta a margem dos “grandes cânones” literários.

### **3.5 –A “Carta da escrava Esperança Garcia do Piauí”, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos Cadernos Negros**

Por fim, no quinto ensaio *A “Carta da escrava Esperança Garcia do Piauí”, escrita por ela mesma, e sua relação com a poesia das mulheres dos Cadernos Negros*, do escritor Elio Ferreira, o autor analisa inicialmente em seu texto o fato de que mesmo diante das barreiras impostas aos escravizados brasileiros no sentido de aprenderem a ler e escrever, existiram as exceções, a exemplo da escrava piauiense Esperança Garcia e do poeta afro-baiano Luís gama, dentre outras pequenas exceções. Para tanto, citamos:

Durante os três séculos e meio de escravidão no Brasil, a cada mil escravos, apenas um era alfabetizado. O sistema escravista proibia o ensino das primeiras letras aos escravos, mesmo que a escola fosse ministrada por particulares. As barreiras linguísticas e culturais dificultavam também a integração e o acesso dos africanos e africanas às normas ou aos padrões da língua do colonizador. Daí o termo pejorativo de “boçal” aplicado aos escravos que não dominavam a cultura do branco. Poucos negros romperam esse bloqueio, mas

existiram as exceções, como a escrava Esperança Garcia do Piauí, o poeta afro-baiano Luís Gama, que podem ser considerados casos excepcionais de quem aprendeu a ler ainda escravo. Os sublevados nagôs e hauçás (muito deles alforriados) da Rebelião dos Malês, em Salvador de 1835, caracterizam um caso de alfabetização coletiva, os quais aprendiam a ler pelo Alcorão. Isso foi o que se pode constatar nas investigações policiais, uma vez frustrado e derrotado o levante desses negros muçulmanos em armas contra as forças do governo baiano. (FERREIRA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 96).

Dentro desse contexto, o autor ressalta o retrato de denúncia, violência e desumanidade presentes na carta desta escrava, sendo esta, considerada a primeira petição escrita por uma escrava no país, em 06 de setembro de 1770, direcionada para o Governador da Capitania do Piauí com o objetivo de apresentar suas queixas contra o administrador da fazenda onde a mesma se encontrava. Nessa perspectiva, o autor destaca ainda a importância desse manuscrito da escravizada Esperança Garcia no sentido de pôr à prova a ideia de convivência pacífica entre senhores e escravizados, ideia esta tão difundida a partir do mito que se criou de “democracia racial” idealizada na obra *Casa Grande & Senzala*, de Gilberto Freyre.

Portanto, é importante destacar também que contra toda essa marginalização educacional imposta a população de escravizados no Brasil, é que a população negra atual vem lutando através principalmente da educação, onde esta se configura enquanto um grande pilar na luta contra a discriminação racial e conscientização cada vez maior dessa população na busca por verdadeiros direitos iguais dentro da sociedade.

A partir daí o autor traça um panorama da atitude desta escrava com os poemas e contos das escritoras afro-brasileiras presentes na série *Cadernos Negros*, que nas últimas décadas vem ganhando destaque. Nesse sentido, o autor trata a “carta” de Esperança Garcia enquanto um dos textos fundadores da escritura feminina afro-brasileira, já que as características dessa escrita permeiam certo tom reivindicatório e de memória autobiográfica, sendo estes, elementos recorrentes presentes hoje na escrita literária e poética das mulheres que publicam nos *Cadernos Negros*, assim como em outros “espaços” literários.

Em seguida, o autor discorre em seu texto acerca da *Poesia feminina e mulheres negras nos Cadernos Negros*, onde para tanto elenca o fato de nas últimas décadas o número de escritoras afro-brasileiras virem ganhando destaque nas edições dos *Cadernos Negros*, onde a partir de suas escritas podem transmitir a verdadeira realidade de mulher negra brasileira. Ressaltando ainda a ideia de que esta escrita negra

feminina tem suas peculiaridades que a diferenciam da escritora branca, assim como dos próprios escritores negros, a partir dos preconceitos e dos estigmas que vivenciaram com a experiência da escravidão na Diáspora.

Já no tópico denominado *Poesia negra e memória histórica*, o autor ressalta a forma de como a poesia negra tem se utilizado da memória histórica na construção do enredo de uma história do negro que não fora contada nas escolas brasileiras, ou seja, o uso da literatura por parte dos escritores negros e negras brasileiras tem sido de extrema importância para a divulgação de uma história do negro no Brasil recontada a partir dos olhares da população negra. Nesse contexto, podemos destacar, por exemplo, como forma de ratificar essa ideia, o importante “poema épico” do escritor Oliveira Silveira acerca da história de Palmares, onde o autor ressalta:

Senhor historiador oficial,  
deixe o sobrado, a casa-grande,  
recue na linha do tempo,  
mergulhe no espaço geográfico,  
peça licença, limpe os pés,  
se deixe abocanhar por um quilombo,  
mastigar pelas choças,  
meta-se no bucho do Palmar,  
[...]

Depois comece a contar.  
[...]

Falsificaram os livros de história,  
trocaram os heróis,  
botaram máscara de carnaval  
nos fatos,  
botaram fogo nos documentos  
do tráfico e do crime  
e então ficamos sendo os que não vieram,  
ficamos sendo os que não são,  
ficamos sendo estas ruínas  
em auto-reconstrução.

Mas a luta prossegue, estrada longa  
[...]

A luta continua e é por isso  
que este poema é um quilombo.  
[...]

(SILVEIRA, 1987, p. 2-3; p.13-14).

E por fim, o autor discorre em seu texto sobre *Memória do corpo e melancolia*, onde ele destaca o fato das escritoras negras relatarem na construção de seus poemas, os anseios e angústias da mulher negra que retrata em seus versos a conscientização de sua condição de explorada enquanto mulher e negra. Para tanto, citamos:

Esse mesmo tom é afirmativo do ser-mulher, de quem nega as injustiças do mundo pelas vias do próprio corpo e busca o sentido da vida num lugar que se tornara quase nada, num território escorregadio, no limbo das relações amorosas e sociais que forjaram os sonhos trincados e rasurados pela hipocrisia e a desesperança. Daí é que o corpo se rebela em sua nudez, com o sexo feminino sangrando para resgatar a mulher forte e bela, dentro de si mesma e para a vida. [...]. (FERREIRA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, p. 105).

Sendo assim, o autor reafirma que a escrita negra feminina busca um paradigma de mulher negra que reivindica o direito à diferença, um lugar ao sol, o desejo feminino, em uma árdua luta despertada contra a ocultação da mulher negra e da barbárie.

## IV – CAPÍTULO 4

### ANÁLISE DOS POEMAS E CONTOS

#### 4.1 – Tecendo algumas discussões acerca da análise da produção poética

O autor que fala da poesia como arma na luta contra a realidade social em que se vive é o escritor Alfredo Bosi, que descreve em sua obra, o conceito de “poesia-resistência”, ressaltando sua importância como uma forma de converter em palavras suas experiências ligadas ao cotidiano, utilizando-a também como crítica a realidade em que vive a sociedade. O autor destaca ainda que a poesia resiste à memória viva do passado, imaginando uma nova ordem como exemplo de caminhos de resistência, neste sentido, o importante é utilizar-se das diferentes formas poéticas no intuito de demonstrar sua consciência, realidade e resistência, como forma de lutar por suas identidades.

Nesta obra, fizemos a análise do capítulo 5, denominado *Poesia-Resistência*. O texto foi composto pelo autor na época da ditadura militar, expressado por suas motivações. Na discussão do texto, resalta-se a poesia moderna como uma abertura para o poeta criar materialmente o novo mundo e as novas relações sociais. Segundo o autor, a poesia resiste à memória viva do passado, imaginando uma nova ordem como exemplo de caminhos de resistência, neste sentido, cita-se: poesia-metalíngua, poesia-mito, poesia-biografia, poesia sátira, poesia-utopia, poesia política, dentre outras. Nesse contexto, o autor faz uma breve exposição acerca dos tipos de poesia-resistência acima citadas. Por “metalíngua” entende-se uma forma de relatar o momento vivo da consciência que aponta resíduos mortos da retórica, antiga ou moderna.

Já a linguagem mitopoética tenta reviver a grandeza heroica e sagrada dos tempos passados, unindo lenda e poema. A poesia satírica utiliza-se da sátira como modo de resistir, unindo-se também a paródia que apresenta uma escrita ambígua. A poesia-utopia representa uma escrita fora do tempo, com uma imaginação criadora e a poesia política representa a luta de um povo em determinada época, em busca de seus ideais.

Portanto, segundo o autor, o importante é utilizar-se das diferentes formas poéticas no intuito de demonstrar sua consciência, realidade e resistência, como forma de lutar por suas crenças e convicções. Foi nessa perspectiva de pensamento, que

analisamos a obra em questão, buscando uma melhor compreensão de nossas análises acerca dos poemas e contos presentes na coletânea *Cadernos Negros*, distinguindo-os como sendo de cunho político-social, na medida em que faz uma denúncia do racismo, assim como buscamos também nessas escritas a marca de africanidade, representada na análise a partir da perspectiva de “Africanistas”.

Já o conceito de “poesia-insubmissa” foi desenvolvido por Roberto Pontes, em sua obra *Poesia Insubmissa Afrobrasílusa*, onde o autor faz uma análise de poesia insubmissa a partir dos textos de três poetas, são eles: José Gomes Ferreira, em Portugal; Carlos Drummond de Andrade, no Brasil, e Agostinho Neto, em Angola. Dentro dessa perspectiva, o autor destaca a relação da poesia com a ética, onde esta deve está diretamente ligada ao compromisso do poeta de ser verdadeiro no uso de suas palavras. Nesse sentido, com o intuito de entendermos melhor essas poéticas, fizemos a leitura e análise de três tópicos apresentados na obra: 1. Introdução; 2. Poesia Insubmissa; e 5. Poesia Insubmissa Transformadora: Agostinho Neto.

Na introdução, o autor faz um breve relato dos poucos estudos existentes tanto literários quanto históricos acerca dessas poéticas. Ressalta-se, portanto, a importância da obra como uma tentativa de se estudar o ser da poesia insubmissa, que descrevem em seus discursos poéticos suas lutas e militância. Já no segundo tópico, denominado *Poesia Insubmissa*, faz-se um estudo teórico da poesia insubmissa, analisando o uso da palavra como arma e a ligação da poesia com a política e a ética. A partir desses estudos teóricos da poesia insubmissa, o autor destaca que o poema tem sido objeto de estudo de muitos especialistas em nossos dias, que apesar de procurarem se aproximar do ser da poesia e do poema como forma de manifestação, nenhum deles se voltam para estudar em específico o fenômeno da poesia insubmissa. Para tanto, destaca o autor, faz-se necessário utilizar-se como fonte para uma análise teórica dessas poesias, as palavras dos próprios poetas em seus discursos, diários, reflexões, comentários, entre outros. É esta a forma que o autor trabalha em sua obra, ao traçar uma análise de três diferentes poetas.

Em nossos estudos acerca do item 5, denominado *Poesia Insubmissa Transformadora: Agostinho Neto*, destaca-se o fato de o poeta utilizar-se da fala poética insubmissa em face do contexto histórico a que está ligado. Pois o mesmo foi líder de Angola na luta pela libertação nacional contra o colonialismo português, guerrilheiro, estadista e primeiro Presidente da República Popular de Angola. Inserido dentro desse contexto, é que se pauta uma análise de alguns poemas de Agostinho Neto, retirados de

seu livro *Sagrada Esperança*, publicado em primeira edição no ano de 1963, na Itália. A partir da análise do autor, ele destaca a poética utilizada por Agostinho Neto, caracterizando-a dentro dos seguintes aspectos: uma poesia de combate e empenho, indignação, afirmação, e revolta contra as atrocidades cometidas pelos colonialistas, em Angola, que se apossaram das riquezas dessa terra provocando um processo de destribalização entre os povos, provocaram o escravismo, violações, racismo, etnocídio, entre outros fatores.

Em sua poética, destaca ele, além do sentimento de revolta e indignação, estão presentes palavras de ordem e afirmação, no intuito de reforçar o ânimo dos combatentes e militantes, como também a afirmação nacional angolana, utilizando-se para tanto, como uma forma de conscientização dos que entram em contato com o poema. Ainda nesse contexto, faz-se uma análise da poesia em relação ao nacionalismo, à política e à ética, como forma de expressar o sentimento do comportamento humano em relação ao real e ao social, destacando-se a importância do compromisso ético do poeta com a sociedade em que vivem seus semelhantes. Em última análise, o autor destaca a poesia de Agostinho Neto como um processo de combate e conscientização à luta armada pela revolução, que com uma junção entre o estético e o real, demonstra-se sua africanidade e a angolanidade.

Portanto, pautados nessas ideias acima em destaque, é que pretendemos nos guiar no decorrer das análises dos poemas e contos selecionados para o presente trabalho, entendendo que as palavras desses escritores e escritoras negras na construção de seus textos se revertem em “arma” no combate a discriminação e marginalização da população negra no Brasil. Pois, dentro desse contexto, nesses escritos o tempo todo nos deparamos também com todo o sentimento de revolta e indignação dessa população, sentimentos estes transcritos a partir de seus poemas e contos. Nesse sentido, citamos:

Minha doce vingança  
 não é ficar em moitas ou esquinas  
 na noite irmã de cor,  
 de tocaia:  
 já nossas táticas e emboscadas  
 bastante abocanharam.  
 [...]

Minha doce vingança  
 é minha negritude  
 e são estas palavras  
 pontiagudas.  
 (SILVEIRA, 1981, p. 20).



#### 4.2 – Poemas africanistas e de cunho político-social

No poema *Negritude*, a autora trás elementos ligados à resistência do negro escravizado relatando toda sua bravura diante de tal condição, onde no fim do poema ela ressalta o fato de que é a partir deste guerreiro negro que surge a Negritude, ou seja, um sentimento mais forte que as armas propriamente ditas, silenciado pela história.

De mim  
 parte um canto guerreiro  
 um vôo rasante, talvez rumo norte  
 caminho trilhado da cana-de-açúcar  
 ao trigo crescido, pingado de sangue  
 do corte, do açoite. Suor escorrido  
 da briga do dia  
 que os ventos do sul e o tempo distante  
 não podem ocultar.  
 [...]

De mim  
 parte NEGRITUDE  
 um golpe mortal  
 negrura rasgando o ventre da noite  
 punhal golpeando o colo do dia  
 um punho mais forte que as fendas de aço  
 das portas trancadas  
 da casa da história.  
 (CELINHA, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, pp. 118-19).

Em *Torpedo*, de autoria de Cuti, percebemos uma efervescente crítica à discriminação racial brasileira presente no nosso sistema presidiário, onde o autor através do uso de suas palavras simula um diálogo com seu irmão de cor através de um torpedo, destacando seus direitos e o alertando para o grande perigo que corre dentro deste ambiente. No fim do poema, ele assina como sendo Zumbi dos Palmares, onde ressaltamos toda história de luta e bravura desse guerreiro negro, partindo de uma perspectiva de que toda sua luta em prol da população negra ainda na época do Brasil Colonial se perpetue até os dias atuais nos mais diversos espaços de nossa sociedade.

irmão, quantos minutos por dia  
 a tua identidade negra toma sol  
 nesta prisão de segurança máxima?  
  
 e o racismo em lata  
 quantas vezes por dia é servido a ela

como hóstia?

irmão, diz a tua identidade negra  
que eu lhe mando um celular  
[...]

diz ainda que continuamos lutando  
contra os projetos de lei  
que instauram a pena de morte racial  
[...]

irmão, espero que esta mensagem  
alcance as tuas mãos.  
[...]

irmão, sei que é difícil sobreviver  
neste silencioso inferno  
por isso toma cuidado  
[...]

um grande abraço  
deste teu irmão de presídio

assinado:  
zumbi dos palmares.

(CUTI, In: RIBEIRO e BARBOSA, 2008, pp. 124-25).

No poema *Racista*, de Eduardo de Oliveira, o escritor combate veementemente o racismo, assim como a pessoa que o pratica, ou seja, o racista. Nesse sentido, ele caracteriza o racismo como sendo uma doença presente em nossa sociedade, atribuindo-lhe ainda os mais diversos adjetivos negativos.

Antes de tudo, é um câncer o racismo!  
Deletério, corrompe e degenera  
o tecido saudável do organismo  
da sociedade, em plena primavera!  
[...]

Todo racista é um ser usurpador!  
É um psicopata algoz! É um destruidor  
da liberdade e da ventura alheia!  
[...]

(OLIVEIRA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 128).

Em *Cabelos que Negros*, de Oliveira Silveira, o poeta ressalta a beleza do afro-brasileiro destacando os preconceitos criados em relação ao fenótipo das pessoas negras. Ressalta ainda seu orgulho em se assumir enquanto negro.

Cabelo carapinha,  
 engruvinhado, de molinha,  
 [...]  
 cabelo puro que dizem que é duro,  
 cabelo belo que eu não corto a zero,  
 não nego, não anulo, assumo,  
 assim pixaim,  
 cabelo bom que dizem que é ruim  
 e que normal ao natural  
 fica bem em mim,  
 [...]  
 porque eu quero,  
 porque eu gosto,  
 porque sim,  
 porque eu sou  
 [...]  
 pessoa negra e vou  
 ser mais eu, mais neguim  
 e ser mais ser  
 assim.

(SILVEIRA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 151).

No poema *Em Maio*, Oswaldo de Camargo contesta a liberdade alcançada pelos negros escravizados no 13 de maio, não sendo esta a tão sonhada liberdade que a população negra reivindicava e lutava para alcançá-la. Hoje, a luta da população negra deslocou-se para o 20 de novembro em evocação a toda luta e resistência travada pelo grande líder de Palmares, Zumbi. E também como forma de contestação ao mito da liberdade concedida no 13 de maio, pela então “heroína” dessa libertação, Princesa Isabel, ou seja, o poeta em seu poema, utiliza de seus versus para contestar a historiografia oficial no que diz respeito à “abolição da escravatura”.

Já não há mais razão de chamar as lembranças  
 e mostrá-las ao povo  
 em maio.  
 [...]  
 Em maio uma tal senhora liberdade se alvoroça,  
 e desce as praças das bocas entreabertas  
 e começa:  
 “Outrora, nas senzalas, os senhores...”  
 Mas a liberdade que desce a praça,  
 nos meados de maio,  
 pedindo rumores,  
 é uma senhora esquelética, seca desvalida  
 e nada sabe de nossa vida.  
 [...]

(CAMARGO, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 152).

### 4.3 – Contos africanistas e de cunho político-social

No conto *Di Lixão*, a autora narra à história de um garoto pobre, que morava nas ruas e sem perspectiva de vida. No entanto, destaca o esforço de sua mãe que ainda tentou o alertar para que lutasse e seguisse outro caminho na vida, diferente daquele que ela já estava acostumada a levar. Mesmo com o alerta da mãe, o garoto não dá ouvidos a seus conselhos, assim como não acha que ela seja um exemplo para ele devido a vida que levou. O garoto havia ganhado o apelido “Di Lixão”, devido a sua mania de chutar os latões de lixo na área onde circulava, diante das peripécias da vida acaba morrendo ainda jovem, aos 15 anos de idade, vítima que foi de um pequeno “tumorzinho” na boca, assim como de não ter buscado ajuda a tempo.

[...]

Não gostava mesmo da mãe. Nenhuma falta ela fazia. Não agüentava a falação dela. “Di, vai para a escola! Di, não fala com meus homens! Di, eu nasci aqui, você nasceu aqui, mas dá um jeito de mudar o seu caminho!”. Desocupada que vivia querendo ensinar a vida para ele. Depois, pouco adiantava. Zona por zona, ficava ali mesmo. Lá fora, o outro mundo também era uma zona. Sabia quem tinha matado a mãe. E daí? O que ele tinha com isso?

[...]

O dente de Di Lixão latejava compassadamente. Ele era uma dor só. As dores haviam se encontrado. Doía o dente. Doíam as partes de baixo. Doía o ódio.

[...]

O dente latejou fundo no profundo da boca. Dor de dente matava? Não sabia. Sabia, porém, que ia morrer. Mas isso também, como a morte da mãe, pouca importância tinha.

[...]

Às nove horas o rabecão da polícia veio recolher o cadáver. O menino era conhecido ali na área. Tinha a mania de chutar os latões de lixo e por isso ganhara o apelido. Sim!

Aquele era o Di Lixão. Di Lixão havia morrido.

(EVARISTO, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 175-77).

Em *Lembranças das Lições*, Cuti faz uma reflexão acerca de suas lembranças das lições de sua infância. Nesse sentido, ele relata toda discriminação sofrida quando criança dentro do ambiente da escola, onde seus colegas de turma o apelidavam de macaco, escravo, entre outros. Dentro desse contexto, ele destaca o fato de que essa discriminação racial sofrida na escola acaba o afastando desta, assim como o seu amigo Joel, também negro e vítima da discriminação.

Nesse tocante, importante ressaltar que essas discriminações sofridas pelos meninos e meninas negras dentro do ambiente escolar continuam a ocorrer até hoje, provocando entre essas crianças negras uma aversão à escola e consequente evasão escolar entre a população negra. Cuti retrata ainda em seu texto, o fato de seu amigo Joel ter entrado para o mundo do crime, fazendo parte de mais um dentre tantos outros que sem perspectiva de vida, acabam entrando no mundo marginal. Dentro dessa perspectiva, ele chama a atenção para a forma como o seu amigo saiu estampado nas páginas do jornal: “Preso o marginal Neguinho Joel” – foto em primeira página (CUTI, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 183), demonstrando certo de ar de indignação.

No conto *Mulheres dos Espelhos*, de Esmeralda Ribeiro, a escritora conta a história de uma mulher que após o falecimento de sua mãe, herda um casarão. Com o falecimento da mãe, que não gostava de espelhos, pois acreditava que a presença de espelhos dentro de uma casa atraía todo tipo de azar, a filha que herdou o casarão colocou espelho por toda casa. Apesar de ter espaço suficiente para que ela morasse no casarão com sua irmã e a família dela, isso não aconteceu devido à briga entre as duas pela herança. A autora destaca em seu texto que o cunhado dela era um pagodeiro famoso, porém, resalta que todo seu dinheiro era utilizado no pagamento de pensões alimentícias de suas amantes brancas. Morava no casarão com a filha que o herdou, a empregada Abigail. Nesse contexto, destacamos:

[...]

Eu, quando criança, apelidei-a de velha Abigail. Me ensinara a desviar das sutilezas mascaradas pela natureza. Fora extremamente dedicada. Vivera somente as nossas vidas, com isso não tivera família nem seu próprio lar. Eu perdia a empregada um pouco a cada dia. Seus períodos de lucidez duravam algumas semanas. Cuidava da casa e da comida sem dizer uma palavra, mesmo quando seus braços queimavam na panela. Seu olhar era distante e a boca mascava chicletes. (RIBEIRO, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 193).

No decorrer do conto, a personagem principal que habitava no casarão, narra o fato de que após sete anos de muitas festas e alegrias começam suas visões recorrentes nos espelhos de sua casa, de mulheres jovens e idosas que diziam frases e dançavam ao som de atabaques e de agogôs. Somente ela e sua velha empregada Abigail escutavam os sons vindos dos espelhos. Com o passar do tempo, a velha empregada Abigail morre, só restando ela no casarão. Diante do ocorrido, ainda tenta despertar aquela velha mulher cheia de sonhos que costumava reunir os amigos em sua casa para a realização

de festas, no entanto, fica com medo que o espírito da velha Abigail amedronte seus convidados.

Numa tentativa desesperada de destruir aqueles espelhos, ela contrata três pedreiros que, acabam caindo desacordados, sem lembrar nada. As frases repetidas pelas “mulheres do espelho” eram: *Todos os dias o ouvido ouve aquilo que ainda não ouviu; A religião de uma mulher está em seu coração; Queres ir herdar dos mortos, ficas a esperar; O segredo do velho não se compra com dinheiro, mas com boas maneiras; As pessoas da pessoa são numerosas no interior da pessoa.* Já a velha Abigail costumava lhes dizer ainda em vida: *Uma pessoa alcoólatra é um corpo sem memória e Os dentes não são o coração.*

Certo dia a mulher resolve contar tudo ao seu vizinho bêbado em busca de alcançar sua paz de espírito, no entanto, a notícia se espalha e ela abandona sua casa indo morar na rua, acaba se deixando levar pela bebida e fica conhecida a partir de então como a “Dama dos animais”, por fim, questiona: “- Qual é o segredo que vocês, mulheres alcoólatras, escondem em seus espelhos?” (RIBEIRO, In: BARBOA e RIBEIRO, 2008, p. 196).

No conto *Cidade Violenta*, de Márcio Barbosa, o autor retrata numa simulação de violência nas cidades, o fato de um cara negro que vive em boas condições financeiras relatar que se você é um mulato com dinheiro torna-se branco, porém se for um mulato pobre, torna-se negro, ou seja, o embranquecimento é alcançado na medida em que a pessoa negra possui boas condições financeiras, fato este bem recorrente em nossa sociedade brasileira, como forma de “mascaramento” da discriminação racial.

O autor retrata ainda em seu texto, de forma irônica, a difusão aqui no Brasil da ideia de miscigenação racial também como forma de embraquecimento da população negra, ou seja, ao invés de se identificar enquanto negro, surge a partir daí várias denominações: mulato, mestiço, entre outros. Sendo esta, uma estratégia utilizada pela população hegemônica brasileira para a negação do racismo, dificultando também as estratégias de organização da população negra em busca de direitos iguais.

Aquele ali virou pra trás. É escuro, como a maioria desses motoqueiros. Queimado de sol. Merda, não é preconceito, não... Também tenho pele escura, quer dizer... Mulato... mulata... palavras engraçadas... Mas não vou entrar nessa neurose, não... tenho sangue índio, italiano, tudo misturado. Aqui é assim, os mulatos que têm grana são brancos, se não têm, são pretos... Os meus amigos, tai, fui pra praia aquele dia, todo mundo ficou vermelho, menos eu, peguei um bronze da hora, na boa, não tenho preconceito... Agora, que tenho

dinheiro, eles me convidam pra ir pra praia... (BARBORA, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008, p. 221-22).

No conto *Civilização*, de Oswaldo de Camargo, o autor narra a história de Paulinho, um músico negro que quase perde a esperança diante da discriminação racial sofrida pelo maestro Borino. Dentro desse contexto, o autor retrata a ida desse músico negro a uma conferência sobre “Negritude na modinha” no dia treze de maio, onde o mesmo busca sua identidade e valorização enquanto negro. Cita ainda, em seu texto, o contato de Paulinho com o livro de José do Patrocínio e Cruz e Souza. Em meio aos desafetos da vida, certo dia Paulinho se depara com a figura de um homem loiro, olhos azuis, lábios finos e nariz fino, sujeito com mais o menos uns cinquenta anos, homem bonito, aparentando uma inteligência muito alta, palavras de Paulinho. Perguntou então a Paulinho se o mesmo sabia lê e também em que trabalhava, obteve como resposta que sabia lê e que trabalhava como professor de Piano e Harmonia.

A partir daí, este homem que se chamava Fred expressa sua simpatia pelo Paulinho lhe entregando um cartão da “Neurotic’s House”. Deste dia em diante, o Paulinho passa a trabalhar nesta casa, sendo sua função além de tocar piano, conversar com os frequentadores sobre o amargo caminho que percorreu até chegar ao que é hoje.

- Assim não dá, Paulinho, a gente quer ajudar, mas vocês...  
 Aí está, vocês, pretos, pessoal de cor... Se traiu o maestro, claro, se traiu. Vocês...  
 Ou seria: vocês, músicos, artistas? Não! O maestro Borino não me agüentou, claro, na sua sala deslumbrante. Alguém lembrou a ele o destôo, o desequilíbrio no ambiente... é claro.  
 [...]  
 Fui. Era maio. Treze de Maio levei-o a uma conferência sobre “Negritude na Modinha”, pelo Eduardo Embondeiro, nome de guerra, o verdadeiro era José da Silva. Borino fungou muito durante a conferência, balançou a cabeça e coçou a testa como a destrinçar enigmas.  
 - “Negritude”... Você vai sair de “Negritudes” e outras bobas atitudes. Vai morar comigo... Você se perdeu, rapaz, você está perdido nesse chão. Desse jeito você não chega a ser nada, ouviu? Nada!  
 - Mas eu sou negro e isso me diz respeito...  
 - Não reparei que você era negro... É, interessante, você é negro...  
 [...]  
 Saí, pois, de manhã, sentei-me num banco da Praça da República, onde conversei com o José do Patrocínio (Patrocínio, sim, senhor, que sarro!, o cara nem sabe ler, bebe como um porco, fede a catinga e os engraxates chamam ele de José do Patrocínio; oh, José do Patrocínio!).  
 Abri meu Cruz e Souza, aquela edição de papel mendigo do Zélio Valverde, li dois poemas, não buliram comigo.

[...]

Era um sujeito de uns cinquenta anos. Cabelos loiros, olhos azuis, lábios finos e nariz fino, a testa larga, revelando inteligência muito alta. Homem bonito. Percebi, sem esforço, que era um branco.

[...]

Hoje estou na “Neurotic’s House e Fred me aprecia. Chego de manhã e minha função, além de tocar piano, no almoço, é conversar com os freqüentadores.

[...]

Meu ofício, então, é contar aos freqüentadores da “Neurotic’s House” o meu caminho amargo, o mau início como um garotinho preto e ranhento, calça vermelha, com um remendo verde no traseiro (verde = esperança!) e pixaim ignorante de pente.

[...]

Subi na “Neurotic’s House” porque Fred foi com a minha cara, foi e ainda vai:

- Gosto de você, preto, você provou que um preto pode livrar-se de sua carga... Gosto de você, preto, gosto mesmo...

[...]

Um odor áspero, de colônia, me envolve, como nuvens de Civilização (CAMARGO, In: BARBOSA e RIBEIRO, 2008. p.227-32).



## V- CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nosso propósito foi o de estudar os escritos africanistas protagonizados pelos afro-brasileiros na série *Cadernos Negros*, edição comemorativa dos trinta anos, publicada no ano de 2008, a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo.

Avaliamos, na obra estudada, a constituição de uma identidade do negro brasileiro que se posiciona contra a ideologia da democracia racial e cria uma nova pauta de reivindicações políticas do grupo étnico-racial no âmbito da negritude brasileira. Essa identidade se constituirá a partir da busca de uma autenticidade histórico-cultural do negro brasileiro que busca fundamento em sua raiz africana, bem como nos aspectos específicos da experiência histórica do negro no Brasil. Buscando a compreensão do contexto histórico nacional e internacional, entre 1978 (ano de criação dos *Cadernos Negros* e do MNU), procuramos entender o processo e a formação dessa identidade afro-brasileira e suas articulações com o contexto de crítica atual ao mito da democracia racial.

Nessa época, passamos por um momento de ascensão dos movimentos políticos identitários, que buscam com sua luta o reconhecimento de suas emancipações, com grande repercussão política gerando uma internacionalização da luta negra. Dessa forma, ampliamos as bases documentais e historiográficas sobre o africanismo no Brasil e os saberes históricos oriundos da matriz cultural africana na segunda metade do século 20.

A partir deste trabalho, demonstramos exemplos do pensamento dos intelectuais negros a partir de suas inserções nos saberes históricos sobre a África, visando contribuir para as pesquisas sobre os movimentos sociais afro-brasileiros assim como aprofundar estudos sobre a matriz cultural africana no Brasil contemporâneo. Dentro desse contexto, que relata poemas e contos ligados à resistência dos negros escravizados durante séculos, assim como identifica vários elementos ligados à religião de matriz cultural africana.

Portanto, a partir desses escritos políticos, assim como da produção poética dos *Cadernos Negros* pudemos demonstrar exemplos de como a história da população negra vêm sendo resgatada e recontada, ou reconstruída sob outra perspectiva, qual seja, uma

perspectiva onde o negro aparece enquanto protagonista de sua história e não mais enquanto objeto de estudo de uma historiografia eurocêntrica e embranquecida.

## VI- FONTES E REFERÊNCIAS

- ALBERTI, Verena e PEREIRA, Amilcar Araujo. (Orgs.). *Histórias do Movimento Negro no Brasil*. Rio de Janeiro: FGV/Pallas, 2007.
- ANDRÉ, Maria da Consolação. *O ser negro: a construção da subjetividade em afro-brasileiros*. Brasília: LGE Editora, 2008.
- BACELAR, Jeferson e CAROSO, Carlos. (Orgs.). *Brasil: um país de negros?* Rio de Janeiro; Salvador: Pallas; CEAO, 2007.
- BOSI, Alfredo. *O Ser e o Tempo da Poesia*. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- CHAVES, Rita; Secco, Carmen; MACÊDO, Tânia. (Orgs.). *Brasil / África: como se o mar fosse mentira*. São Paulo; Luanda: Editora UNESP; Chá de Caxinde, 2006.
- CHARTIER, Roger. *A História Cultural: entre práticas e representações*. Tradução Maria Manuela Galhardo. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.
- GUIMARÃES, Antonio Sérgio. *Classes, Raças e Democracia*. São Paulo: Editora 34, 2002.
- MUNANGA, Kabengele. *Rediscutindo a Mestiçagem: identidade nacional versus identidade negra*. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.
- PONTES, Roberto. *Poesia Insubmissa Afrobrasilusa*. Fortaleza: Editora UFC, 1999.
- QUILOMBHOJE. *Trinta Anos de Cadernos Negros*. São Paulo: FNC/MC, 2008.
- SILVEIRA, Oliveira – *Roteiro dos Tantãs*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1981.
- SILVEIRA, Oliveira – *Poema Sobre Palmares*. Porto Alegre: Edição do Autor, 1987.
- SOUZA, Florentina da Silva. *Afro-descendência em Cadernos Negros e Jornal do MNU*. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

VII- ANEXOS

